

MARTE EM ÁRIES

AGNALDO DE ASSIS
NASCIMENTO



Carlos Massa Ratinho Junior

Governador do Estado do Paraná

João Evaristo Debiasi

Secretário da Comunicação Social e da Cultura

Luciana Casagrande Pereira

Superintendente-geral da Cultura

Luiz Felipe Leprevost

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

Coordenador do Prêmio Biblioteca Digital

Omar Godoy

Equipe do Selo Biblioteca Paraná

Hiago Rizzi, Isabella Serena e Luiz Felipe Cunha

Jurados

Cezar Tridapalli e Otto Leopoldo Winck

Revisão e preparação editorial **João Lucas Dusi**

Projeto gráfico e diagramação **Thapcom.com**

Ilustrações e capas **Ctrl S Comunicação**

Dados internacionais de catalogação na publicação

Bibliotecário responsável: Bruno José Leonardi - CRB/9 - 1617

Nascimento, Agnaldo de Assis

Marte em áries [livro eletrônico]/ Agnaldo de Assis

Nascimento. - Curitiba, PR : Biblioteca Pública do Paraná, 2021.

153 p. - (Biblioteca Paraná)

"Vencedor do Prêmio Biblioteca Digital - Categoria romance"

ISBN 978-65-89223-17-7 (e-book)

PDF

1. Ficção brasileira. I. Biblioteca Pública do Paraná. II. Título.

CDD (22ª ed.)

B869.3

MARTE EM ÁRIES

AGNALDO DE ASSIS NASCIMENTO

parte 1

Extasiada, fodo contigo
Ao invés de ganir diante do Nada.

Hilda Hilst

1

Tecido de agonias.

Costura, costura, costura: a campainha zigzagueando estridências por dentro do meu sono. Antes eu era um incêndio, irresponsável & horizontal. Agora sou um corpo que se pensa em queda num colchão em frangalhos. Com a coluna torta e a baba endurecida no travesseiro, afastado dos olhos o farelo dos sonhos. Lá fora os teus gritos, Ravi, preenchem um corredor já obstruído por samambaias antediluvianas e cheiro cru de sapólio. Teu alarde fica preso no meu peito, tosse seca. Atravesso num salto, do ponto A ao ponto B, de semiacordado para algo-que-se-move-na-noite. Um grande e agudo animal, sacudindo a pelugem ainda quente de pesadelos. Ando apartado do mundo, enfiado numa nova masmorra: cinquenta metros com janelas para outros cinquenta metros com janelas para a extinção. A campainha rosna outra vez. Um rasgo nos joelhos da noite. Tudo isso me faz lembrar que ando mastigando dores que nunca aprendi. Antes eu cuspi todos os meus incêndios, os nada eram preenchidos com fúria pela língua em brasa, por pertencer ao fogo eu só sabia queimar. Agora hesito. Estranhamente

hesito. Engulo o incêndio e isso me dá azia. Agora os punhos de Ravi esmurram a madeira da porta, inútil trincheira ao desespero de um homem. Dois dias morando aqui e os vizinhos do prédio já devem estar querendo a minha cabeça. Desvio dos objetos empilhados na sala, destranco o peito e a porta. Tropeço, xingo: caralho, porra, buce... Dessa tríade nascemos todos nós. Foi o que nos contaram. Libertado o soluço frio das fechaduras e pronto, pronto! Entra logo! Sou fôlego & suor inteiro à tua disposição. E agora, Ravi? A cara machucada dele emerge em meio às promessas escuras da noite, mais viva do que nunca essa cara e eu desconheço os ensaios e os acidentes de percurso que o trouxeram até esse agora com cheiro de desinfetante. Alguém cria medos e solidões e acontece de caberem em nossos bolsos. Penso comigo que talvez eu precise disso, que talvez eu mereça essa desmedida, essa catástrofe natural no meio da sala antes de dar uma cara de lar ao amontoado de incertezas encaixotadas nos cantos. Antes de pôr os livros em ordem nas prateleiras e os talheres nas gavetas, antes de instalar coisas ou queimar algum eletrodoméstico plugando na tomada sem saber se é cento e dez ou duzentos e vinte, porra, se vou parir recomeços, penso comigo, preciso antes destruir o que está ruindo. Todo começo é o gesto de escolher aquilo que se vai perder: recortes, demarcações, limites e cercas na geografia do bicho enjaulado que somos, todo começo é mutilação.

Resignado, aceito o caos e rezo para que essa força destruidora também seja capaz de me mostrar uma saída. Um deus sem cicatrizes é incapaz de curar, dizem por aí, mas e um homem sem cicatrizes, é capaz de atravessar sequer o outro lado da tarde? Um punho esquerdo passa raspando pela minha fuça e, se não me acerta, ao menos dissolve toda a filosofia barata que me infesta a cabeça feito piolho. Eu rio. Ravi bate que nem criança que ainda não sabe se quer machucar ou não, no fundo todos queremos machucar. Eu tinha sido duro com ele. Na verdade, eu tinha sido filha-da-putamente duro com Ravi, justamente para que tudo isso explodisse de uma só vez, cada marca no lombo dele é fruto da minha provocação. Não, você não pode passar a vida toda sem saber o que é estourar as cordas desse teu violino bem no meio do concerto. Ravi toca violino e eu usei isso pra falar pra ele sobre a droga da vida que ele andava perdendo. Não. Você não vai sair ileso, Ravi. Não sem errar a partitura e ter que começar do zero (outra vez o exemplo musical). O terror que eu botei nele foi pra foder logo de cara com qualquer chance de hesitação. Mas Ravi vai me agradecer, eu sei que vai, pode estar meio puto agora, me olhando de frente, cara felina, olhos negros estrábicos de raiva e o cabelo quase branco de tão loiro, cuspidando uma corrente elétrica no ar. Mas eu não cedo. Eu ainda pertencço ao fogo. Puxo seu corpo pesado de surras para dentro da minha masmorra de cinquenta

metros quadrados, nossas sombras se tocam, se estranham, se engalfinham, galos de rinha. Desviamos das caixas empilhadas, um caos de vida ainda não resolvida, ainda sem cheiro ou odor. Um pouco do ranço do último inquilino pairando no ar. Somos bichos que se estranham fora de nossos halos pestilentos. Cravo os dedos nas espáduas de Ravi, meu olho esbarra nuns claros e escuros. Ravi, você nem tinha esses contrastes, quem foi o filho da puta que te fez isso, hein? Ele soluça suspendendo um palavrão, um fósforo risca a pólvora da minha raiva. Explodo. Turvo e colérico. Eu sou bom nisso. Porra, Ravi, me fala! Me diz alguma coisa sólida... me dá um nome, um que seja! Sei lá, alguma coisa que eu possa esmurrar antes que eu encontre a minha própria cara no espelho e tenha que encarar essa maldita sensação de impotência, anda, vai, me diz, a minha raiva só tá esperando uma cara pra cobrir de... Mas Ravi me cala com os olhos. Traz no rosto o sangue e as marcas de um pesado leviatã patriarcal. Talvez mais pesado que a minha raiva. Irmãos mais velhos que todos os dias se ajoelham diante do pai-oratório decrépito e entoam cânticos bo-lorentos sobre honra e família. A virilidade que Ravi nunca soube afinar com as cordas graves dos irmãos. Agora a boca esfacelada dele cospe palavrões que vêm se chocar contra o meu peito. Por algum motivo ele abaixa os olhos, por algum motivo todo aquele sangue e hematomas esfregam na minha cara o Ravi que eu preci-

sava ver; era devorar ou ser devorado. Suspiro impaciente. Você não vai dizer porra nenhuma, não é, Ravi? Não, ele não vai... essa tua fluidez só fode com tudo e acaba livrando quem te surrou, é por isso que eles sempre repetem o horror, navegando no teu rio de covardia. Isso sim; é isso o que eu sinto aqui por dentro enquanto revolvo essa merda nos encanamentos internos. Antes eu vomitava a porra dos meus incêndios todos. Mas agora... Quase grito, ele estremece e o silêncio é um avião em chamas caindo entre nós. Mordo o lábio com força, quase jorra sangue, mas retomo o controle porque respeito as chagas que ele trouxe. A cara leonina que arde em dourado e vermelho. O peito, que era acostumado à calma e que agora é uma gangorra febril. É parte de uma armadura cheia de cicatrizes de guerra. Deixo pra mais tarde meus planos de promover uma carnificina no jantar de domingo da família-Ravi, meus músculos emputecidos de raiva vão se afrouxando aos poucos e enlaçam meu *boy* num cordão de abraço, no centro da sala cheia de caixas empilhadas. Somos esses dois lobos atados em nós de sangue, ao sul de depressivos trópicos, um quadro, uma cena de filme B, o trecho final de uma música que quase ninguém ouviu. Minha cabeça gira lenta, dispersa, tenho que reparar isso, mas sozinho não sei se consigo. Vem, vamos chutar esse agora riscado por cortes, isso não serve mais... o lado direito do teu olho. Sim, eu sei, inchaços vão brotar ao ama-

nhecer e isso é tão irremediável quanto a morte, mas tudo bem, não importa, Ravi, me escuta, aqui estamos os dois à deriva nesse agora que é todo feito de um medo remelento e amarelado e sabe de uma coisa? Eu odeio amarelar, e se a gente tá vivo até agora é porque não ce-deu tanto assim a esse medo, ainda dá tempo. Dois lobos refletidos no lago turvo um do outro. É assim que a gente vai atravessando esse agora, compreende? Porque odeio desperdícios é que eu beijo o sal, o pranto e o sangue no rosto dele. Ravi se deita de bruços na cama, o sangue mancha o lençol. Mando ele ir lavar o rosto e procuro curativos nas gavetas. Ofereço meus serviços de bom moço: se você tiver fome, a gente pede algo, ainda não fui no supermercado; umas sardinhas tristes na geladeira, tenho também uma erva especial que eu tava guardando pra um momento sei-lá-qual, um desses estalos que já devem ter passado e que talvez eu nem tenha percebido. Tá lá, quase mofando numa caixa de chá. Ok, Ravi, sim, eu sei que você é diferente deles, sei que é inteligente, embora se faça de idiota. E sei que você é cabeça dura e sofre tanto por isso quanto pelo fato de não atender às expectativas da família-Ravi: casar, ter filhos, essa masturbação toda... essa régua que colocam no caminho da gente antes de nascermos. É como caminhar na prancha, os tubarões todos lá embaixo, chegando pontualmente às cinco, como no livro do García Márquez. Vontade de ir lá e dizer uns incêndios, fazer

com que engulam junto com o jantar essa lava que é a gente junto. Sim, posso prever os garfos parados a meio caminho da boca, as caras decompostas, a sobremesa não chegando à mesa, os estômagos não suportando a nossa dose de afeto, a azia causada pelo amor incendiário dos lobos. Tão diferente dessa azia de quem engole incêndios por não saber mais vomitar. Um amor feito de arranhões, suor e porra. Reparou que dessa vez ficou bem fechadinho, o baseado? Você se lembra que os meus baseados sempre abriam depois que a gente acendia? Mas agora me graduei na coisa com o Cauê; ficou o fino, olha só. Ravi sempre fica com a cara vermelha em meio à fumaça. É como ler uma partitura: engasga, tosse, me passa o cigarro um pouco babado na ponta, já disse tantas vezes que não é pra babar, mas hoje não tem problema, estamos só nós dois, dividindo essa erva e não tem mais nada que eu não conheça do teu corpo e das tuas manias. Cada curva, cada músculo, os caminhos dos teus pelos com pequenas falhas, as chatices... e agora essa fúria descarrilhada que eu desconhecia. Pronto, de tudo eu já provei, da tua saliva à tua porra. Ambas já aderiram à minha pele. Um beijo estala no quarto vazio de móveis, uma constelação de cinzas mancha sua camisa de domingo. Cuidado, desse jeito vai queimar a tua beca de bom menino e não vai mais poder entrar nos jantares da família-Ravi. Pega o cinzeiro que tá na cabeceira. Percebo que meu aviso é inútil

quando vejo os respingos de sangue que já arruinaram tua roupa. Como educar o sangue para que não respingue e estrague o domingo? Sim, um corte bonito e bem alinhado que me faz escavar a terra da memória: cerimônias familiares, casamentos, funerais. Foi numa festa de casamento, não foi, onde a coisa toda aconteceu? Imagino o escândalo pra terem te surrado assim... me pergunto qual deles, ou se todos juntos. Embora o irmão mais velho, o metido a justiceiro, seja o mais propenso. Ravi arranca a mortalha de domingo e vem preencher todos os meus vazios, começando pelo lado esquerdo do colchão em frangalhos. Dobra a camisa meticulosamente, recolhe do chão a calça que eu já tinha arrancado e me afoga em desdém. Testa a minha paciência, o puto. A corda do tempo esticada eriça o meu dorso de leão endomingado. Fico deitado à espera, a ponta do ba-seado fria vai se apagando entre os dedos, o meu corpo quente vai se acendendo diante dos olhos dele. Ravi senta na borda da cama: cueca e meias pretas, certos charmes, suspenses, performances, eu gosto disso e não nego. O elástico da meia marca a rigidez das panturri-lhas. É simples, Ravi, eu só sei te alcançar com o sexo, vê? Existe outro jeito? Se houver, nem quero saber e suspeito que você também não saiba. Tudo o que te consola de verdade precisa te machucar, não é? É isso o que o teu olho tá dizendo. É costume familiar, não é? Quem sabe eu te mostre outra armadilha. Guio o braço dele,

arranho com sussurros o veludo penumbroso do silêncio: devagar, garoto, devagar... um roçar de leve com as costas das mãos. Nisso já perdi o GPS da noite. Perdoa se não sei te curar de outro jeito, meu garoto. É que já manjo a forja do teu enquadramento, ganho de longe o teu olhar eletrocutado engolindo a minha nudez. O curativo ficou bom, só uma aureola roxa que não vai ter jeito, com certeza vai escurecer ainda mais até de manhã, mas não tem problema, eu te empresto os meus óculos escuros, aqueles que você sempre pega sem pedir. Uma palavra brilha no escuro da minha mente: eternidade. Não, eu não sei o que isso significa nesse aqui-agora, apenas espocou sem aviso, como um neon leitoso dentro da chuva. Mas poderia arriscar e dizer que é mais ou menos a sensação de ter Ravi encaixado no meu corpo. Seu peito agora calmo, ancorado nas minhas paragens. Ele que nunca reclama do meu jeito bruto. Deixo que trace as rotas e os mapas na minha carne. Deixo tudo. Mordo sua nuca num beijo canino. Só tenho essa pedra não lapidada pra te oferecer, esse jato quente de sêmen que vai lavar a tua cara e salvar o domingo. Sua carne emite um som úmido que vai crescendo e acaba por ensurdecer as paredes do quarto. Sinto um varar de flechas nessa hora vermelha, enquanto gozo dentro dele, lavo os nossos medos com esperma. Saio de dentro de Ravi em meio à porra desertada que escorre pela fenda dele. O lençol engole memórias de suor,

sêmen e sangue. Sempre me escapam uns palavrões pelo túnel da garganta, não sei o que sou nessas horas, ou se isso é o que eu sou de verdade. Esse grito desmembrado. O quarto inteiro estufa embriagado, o caule partido do nosso fruto masculino espalha um perfume azedo, pesado, de fera abatida após a exaustão. E se eu dissesse que esse cheiro é o único capaz de me trazer alguma paz, você acreditaria? Sou louco, Ravi, te dizendo destroços assim, contados de esquina, na noite que mal começou? Você amaria esse animal que se busca nas tuas entranhas? Que se masturba alucinado, empocado na sarjeta do teu corpo? Que arranha, igual a um cão febril, a porta das horas buscando adiantar o minuto da tua chegada? Meu dizer trava na garganta, não quero te dar nada que precise de mais palavras. Elas só complicam tudo. Mas será que mesmo sem palavras não te digo nada? Se tenho um corpo que nunca se cala diante do teu. Sim, há outras formas de contato além das palavras. Nesse instante, em que pesa a nudez do silêncio, a gente se diz muito mais do que a sintaxe é capaz de comportar; é essa a minha forma primitiva de te dar consolo. A escuridão gruda lenta e viscosa no vidro da janela. Ravi, agora exausto e esvaziado de si, dorme com a testa brilhante de suor, a luz do abajur desenha um manto sobre suas costas, o sêmen dele escorre pela minha costela direita até molhar o lençol. É sempre um dilúvio quando ele goza, a parte que não escorre fica re-

presada ainda quente no meu peito. Extasiado, bato uma punheta solitária, o sono de Ravi tomba por cima do meu, sinto uma fagulha de vida ardendo entre os pedregulhos dos seus roncos, ele tem uma pele ao mesmo tempo suave e viril, difícil de explicar, mistério que não alcanço. Jovem corcel parado no topo de uma colina. Oco de pensamentos, uma coisa bonita de se olhar; que o deus sono nos dê algumas horas de paz enquanto nossas texturas acabem virando uma coisa só. Fiquei preso na rede de um pesadelo durante toda a noite. Nele Ravi batia à minha porta, ainda mais desfigurado. Horror, muito sangue, as paredes do apartamento recebendo o batismo espumoso da barbárie, a palavra dele saltava na escuridão e, de unhas afiadas, vinha traçar riscos profundos na minha cara amassada de sono. Pulei da cama, sobressaltado, puta merda, suores ruins rolando pelo peito, o filtro natural do corpo expulsando os demônios da mente, o ar fugindo dos pulmões e não querendo mais voltar. Enchi a pia e enfiei a cara embaixo d'água por alguns segundos porque é isso o que sempre me alivia, abri os olhos submersos e te enxerguei, Ravi, sorrindo no fundo da pia. Enxuguei o rosto, fiquei alguns segundos com a cara dentro da toalha, tentei deixar a forma do meu rosto ali dentro. Sudário profano, fodido e mal pago, estiquei o pescoço na direção do quarto. Encontrei um Ravi adormecido, cor de febre, enquadrado pela moldura da porta. Seu sono é uma espécie de tran-

se, uma travessia para outro mundo que não este; Ravi roncava protegido dentro dos limites da cama. O sono tecia um fio de baba a escorrer pela escuridão entreaberta dos lábios, brilhava no breu. Tudo em paz, isso sim, tudo em paz, cochichou o ronronar secreto em seu peito, o sangue a latejar nas têmperas. Tudo em paz, repeti sozinho. Preces, mantras, palavras mágicas que trazem o alívio necessário, capazes de enganar desde que confortem, tem palavra adaga, palavra lisa, palavra leve, palavra áspera, torta, palavra que não se pode ligar em duzentos e vinte volts, todos os tipos, servindo em todas as horas e ocasiões; palavra vendida, doada, cuspidada, roubada; servida a conta gotas ou aos borbotões; palavra trabalhando para ambos os lados, como a morte servindo a deuses, contratos, demônios e marcas de vodca. Voltei pro abraço da cama, voltei a ocupar o privilegiado lado esquerdo do meu *boy*, remoí a areia triste da insônia, dentes rangendo, triturando o silêncio, galopei desembestado pra dentro do vazio, arfando, peito congestionado de assombros. Tudo em paz, tudo em paz... essas palavras... não olhe o outro lado delas, o *dark side*... desilusão, lama. Ah, Ravi, se você soubesse desse suor noturno, dessa vigília aguda. Dormir é sempre atravessar o Canal da Mancha, empreitada árdua, obstáculos. Tentei pegar o último trem rumo a um sono tranquilo, faltava pouco tempo para que o despertador arrancasse a insônia dos gonzos, trazendo um novo dia. Meu pé en-

roscado em algas, impedido de chegar ao outro lado do canal. Toda noite eu me debatia na mesma água. Toda noite era a mesma morte por afogamento.

2

Uns estalos opacos me trazem o dia. Bato a lâmina descartável na borda da pia. Sem querer meus ruídos matinais acordam Ravi. Lavo o rosto barbeado e, quando me dou conta, o espelho do banheiro enquadra nossos dois reflexos. Tua cara não está tão mal, eu digo. A noite foi gentil com as tuas marcas. Um leve arroxeadado ao redor do olho direito, as duas pedras negras dos seus olhos tornam qualquer hematoma um detalhe sem cor e sem vida. E é com esse hipnotismo que ele me faz um pedido sacana. Abaixa a cueca e exhibe seu belo rabo de costas pro espelho, um caminho de pelos finos e dourados marca um itinerário que vai da bunda até a base da coluna, pego a lâmina um pouco relutante. Pô, Ravi, eu adoro os teus pelos todos... digo que não, mas ele é chato pra caralho e me aluga até que eu faça. O jato de espuma de barbear é frio e lhe arrepia inteiro. Ravi se contorce em risadas. A manhã vira uma festa até os seus pelos entupirem o ralo do banheiro. Vou fazendo um trabalho de artesão, com todo o cuidado pra não provocar mais cortes na pele dele. Por onde a lâmina passa o sangue se agita embaixo da pele, os músculos se contorcem ao meu toque. Meu pau já está completamente duro, seu olhar queima o meu ventre.

Sob o chuveiro é quase luta o que se ensaia entre nós. Sinto que ainda não lhe dei toda a dose de violência, a minha boca acumula sedes, eu bebo o Tigre, o Eufrates, o Amazonas e por fim o Ganges com todos os seus mortos e ainda assim não aplaco a secura que a carne dele desperta em mim. Enterro o meu sexo com força no pasto recém-depilado. A geometria pesada da minha mão deixa a sua carne vermelha. Ele se estica inteiro, felino, gemendo e implorando mais força na estocada, o último tapa ensurdece as paredes do banheiro. Ravi faz vir à tona meus apetites mais obscenos. Antes que o orgasmo expulse do meu peito esse escarcéu de febres, eu o faço ajoelhar; vai, reza garoto, sente a minha vara na tua cara, os caminhos errantes que só a tua boca conhece, Ravi. Ele obedece e só vejo seu cabelo loiro, enquanto suga o meu sexo com voracidade. Um anjo com o meu pau na boca. Os detalhes meus que só a tua língua pode achar. Já não me preocupo em segurar a lava do Vesúvio represada por dentro, explodo de uma só vez. Isso sim, sou filho do fogo e você é um filho da puta, quer se queimar, meu chapa, brinca comigo pra você ver. Agarro a sua cabeça e a trago em minha direção, pra dentro de mim, para além de nós dois. O tesão me abate e me entorpece numa dose cavalariço de veneno, a cara dele recebe um jato descomunal, fio de prata, meteoros riscados nos ladrilhos do banheiro. No silêncio, apenas o fluir da água do chuveiro e nossas respirações valsan-

do bêbadas e fora de compasso. Desacreditamos cada segundo, ensaboo o rosto e o peito dele, dedicado, como um irmão mais velho num doce conto de incesto; nossos semblantes esfarelados se revezam na moldura do espelho, a gente toma café na cama. Nudez entre bolachas com manteiga. Os óculos retrô de Ravi o deixam mais estrábico. Um livro é aberto na página exata onde ele parou de ler, isso me irrita. Não seria capaz de decorar a página ou o capítulo sem nenhum marcador. Ravi gosta de histórias que lhe deixem saborear cada palavra individualmente. Uma vez abri por acaso um livro que ele havia esquecido e compreendi o que queria dizer. *Concierto Barroco* era o título em letras douradas; mas o que me chamou a atenção foi o trecho inicial, pois percebi logo que as palavras serviam como uma espécie de compasso musical: “*De plata los delgados cuchillos, los finos tenedores; de plata los platos donde un árbol de plata labrada en la concavidad de sus platos recogía el jugo de los asados; de plata los platos fruteros, de tres bandejas redondas, coronadas por una granada de plata; de plata los jarros de vino amartillados por los trabajadores de la plata; de plata los platos pescaderos con su pargo de plata hinchado sobre un entrelazamiento de algas; de plata los saleros, de plata los cascanueces, de plata los cubiletos, de plata las cucharillas con adorno de iniciales...*”. Apesar de não saber espanhol, percebi o fluxo. Era como abocanhar um fruto e sentir devagar toda a tex-

tura e as várias camadas de sabores lubrificando a garganta, uma experiência única. Sorvi palavras doces, amargas, travosas e azedas, comecei a ficar atento à polifonia que o verbo esconde por trás de cada construção labiríntica adormecida no pó dos livros. Agora o brilho sangrento do sol atravessa o branco da cortina. Meu olho dói, que merda. Uma lágrima de luz escorre na pele ressecada da parede. Lá vem o dia, esse cavaleiro cretino que quer me arrancar do ninho. Ravi me ensina a dar nó em sua gravata. Eu nem sequer tenho uma gravata, quanto menos ocasião para usar. Finjo concentração enquanto ele enlaça a gravata no meu pescoço. Pequenas âncoras num fundo azul, iguais as da cueca *boxer* que ele esqueceu na primeira noite em que a gente transou. Me pergunto como é que alguém se esquece de pôr a cueca, mas não lhe disse nada, guardei o *souvenir* pra sentir o cheiro dele toda a vez que me masturbo. Perco o foco da aula de vestimenta quando me vejo enfiado na caverna do olho dele. Gruta mediterrânea; te quero sempre assim, meu *boy*, sem previsão de tempestade nesses olhos, estaremos seguros enquanto formos barcos à deriva, sim, à deriva, porque é assim que se vive, de fato. Sem bússola nem mapa, dois homens se construindo dentro do agora e Deus deve estar orgulhoso da gente, varões diletos de Sua criação. Foi mal se te faço lembrar teus pais falando desse jeito, eles não sacam o que é perfeição e o que deve ser motivo de orgulho para

um pai e para toda a família. Ele esfrega na minha cara os bronzes de um corpo depilado andando pra lá e pra cá, quase desliza pelo quarto. Dissimula sem convicção seu novo status. Eu sorrio de lado, meio bobo, como um adolescente que vive seu primeiro amor. Se eu pudesse, a gente não saía mais daqui. Isso sim, foda-se tudo aquilo lá fora, que o mundo entre em colapso, não tô nem aí, que tudo desmorone da porta pra fora. Praguejo, cuspo, mas esqueci como vomitar aqueles incêndios todos; e de nada adianta, a vida nos chama e nos puxa pelos cabelos e nos impõe coleiras, regras, gravatas, cabrestos e nos obriga a girar as tais das engrenagens. Me despeço com um travo na garganta, relutando em afrouxar meus braços ao redor dele. Duas placas com setas opostas nos separam na estação do metrô, enquanto a gente dá um último beijo e alguém grita “bichas” e desaparece na multidão que atravessa as catracas. Bichas, bichas, bichas... e a criatividade, cadê? Não parece ser o forte dessa gente, talvez afogada demais em sua própria merda pra debochar com criatividade. O metrô segue devagar, galga estações lentamente parando “para aguardar a movimentação do trem à frente”, e eu só penso em quantas horas ainda faltam pra te encontrar novamente, dessa vez sem choro e sem mais sangue. As minhas preces insanas se misturam às dos outros passageiros e tingem o ar escuro e sujo desse mundo subterrâneo. Sim, todos querem voltar pra casa. Se soubessem dos

dias ensolarados que acolhemos em nossos pensamentos e em nossos corações, se soubessem de tantos outros modos de contar o tempo... quanta coisa por trás desses olhos aparentemente vazios, quantos mundos implodindo e renascendo sucessivamente no decorrer das horas, tanta força. Vejo Ravi numa luz bonita, esparramada, um declínio de tarde endomingada e azul desce por trás dos seus ombros, crianças brincam, gritam, encorpam cada segundo com sua energia suada e vejo Ravi no banco da praça na frente do meu trabalho, como todos os dias, a regata azul de marinheiro que deixa ele tão gostoso, meus óculos escuros lhe caindo tão bem e o cabelo penteado faiscando ao sol como se ali residisse toda a sua força e brilho. Vou remoendo entre os dentes o calcanhar granuloso do tempo, percorro as horas, minutos e segundos porque não há nada mais importante do que estar lá, quando teu toque, teu beijo, teu sexo e teu carinho me solicitarem. Tudo o que te faz tão meu, Ravi, sem que pra isso eu tenha que te tomar posse. Tudo o que fixa e molda essa fome, forma única e escultura imperfeita; meu jeito lado B de te amar.

parte 2

*Alguém disse que já nada pode começar no mundo,
eu supus que isso quisesse dizer continuidade.*

Matilde Campilho

3

Meu corpo saciado tropeça no último degrau. Porra de escuridão. Porra de guilhotina da madrugada passando rente à minha nuca. Saio vivo mais uma vez, atravesso a porta pintada de vermelho e chego ao lado de fora do labirinto; é como se uma velha e pesada estrutura implodisse atrás dos meus passos enquanto uma velha e não menos leve cultura opressora me aguardasse logo ali na esquina. A batida da porta nas minhas costas interrompe a música que vem de dentro. Tatuados na minha retina, o breu das paredes e o claro escuro do sexo dos machos tateando o prazer, o cheiro acre desse estabulo de homens desorienta os meus sentidos, um resto de embriaguez valsa na ponta da língua. Agora que saí da sauna na hora mais turbulenta quero coisas leves e brandas. Sei que vou ter que buscar isso fora de mim, as tais coisas leves e brandas, as coisas que tremulam de paixão por estarem vivas, por enquanto tenho que extrair de algo externo aquilo que vai despertar qualquer iluminação adormecida aqui dentro, quero uma rota que me purifique e que desinfete a memória de cada poro. Agora começa a *via crucis* da ressaca. Do lado de fora, meu corpo quente e cansado se choca contra a frieza dura da

noite, o colapso faz brotar uma azia, lava incandescente que lambe o peito. Vou experimentando uma espécie de não existência quando o choque térmico trinca a porcelana do meu corpo, me sinto morada de fenômenos naturais, casa de deuses da guerra e da discórdia. Nuvens pesadas e raios me atravessam de uma ponta a outra, nem mesmo assim alcanço a totalidade desse invólucro de carne. O espírito da noite não anda só, por baixo de suas vestes vejo o desenrolar de uma tempestade rugindo na escuridão, leão em cólera abatido por setas envenenadas. O mar vermelho no meio do caminho do metrô não vai se abrir se eu pedir, não tenho cajado, a chuva com seus segredos que escorrem por entre os dedos me pede aquilo que não sei dar, sinto os mil braços da noite, meu osso petrifica quando o abraço gélido me atravessa sem me tocar, uma rajada de fumaça sai da minha boca, talvez a última antes que eu me descubra feito de noite e de chuva por dentro. A travessia se inicia. Antes, nos labirintos da sauna, não havia o tempo, apenas luz negra e o orgasmo azedando peles e sussurros desgrenhados, a ilusão de um agora estático. Uma poça de lama engole o meu pé e metade da minha canela, merda, dobro a esquina e é como se a chuva comesse exatamente a partir desse ponto onde as ruas se abraçam. Visto a memória das águas, retornar está fora de cogitação, ainda sinto na minha nuca o bafo quente dos machos em orgia. Mesmo se eu voltasse à sauna, não

saberia me perder de novo em seus labirintos. Nas paredes sujas, vestígios de porra desenham a arte rupestre que as futuras sociedades estudarão, tentando entender como era a nossa primitiva forma de ser; meus pés mergulhados no turvo da água desaprendem o caminhar que herdei da minha espécie, agora é vagaroso o passo que move pra fora do caminho o peso das enchentes, é como andar com correntes nos pés. Mesmo se eu desistisse de seguir em frente, seria incapaz de andar como antes, é para poucos esse gotejar que parece infinito. Posso ver os que se acovardaram, ilhados sob as marquises vergadas pela torrente. A água desce por calhas e lava as veias sujas da cidade, purifica o céu engordurado de suor humano, desvia o caminho da bala perdida, escorre pela barba cinza do mendigo, é inútil não se sentir vivo em um momento como este, é inútil recolher a mão quando o gesto já se armou. Me entrego sem medo, uma vitrine reflete minha arquitetura carnal: coisa bruta, enrijada, bicho se desfazendo em pingos de solidão. Visto a tempestade da cabeça aos pés, as ruas até parece que se esqueceram de que são sólidas, agora parecem rios. Me deixo levar pensando que sou o único a ouvir a mensagem, será? Não me sinto privilegiado, o que se revela dentro de mim deveria estar em tudo e em todos, queimando como uma viva promessa dentro da noite. Deveríamos estar impregnados por esse mistério em cada gesto, é de solidão o fermento dolorido que azeda

a boca do meu estômago. Fico afundado na carcaça do pensamento, mas algo começa a me roubar a atenção, rumores, o canto esquerdo do olho captura uma presença, do outro lado da rua, noutra calçada, noutro tempo, noutra vida, será um cão abandonado procurando abrigo? Ele vem me devorar e me arrastar pra qualquer espécie de inferno? Não, não é nada disso, tem contorno humano. Pulos desajeitados agitam o fluxo das águas e explodem no meu ouvido; respiro aliviado. Sim, um vulto impetuoso que galga o cavalo escuro da madrugada enquanto eu caminho solene pra dentro da mesma mandíbula. Isso me impressiona um bocado, uma estranha sensação atravessa a minha mente, a velha impressão de que já nos conhecemos, não fisicamente, é claro, é a primeira vez que meus olhos percorrem a silhueta desse garoto e agora que estamos alinhados na mesma velocidade ele desacelera o passo, talvez cultivando pela minha figura pesada a mesma curiosidade que tenho por ele. Nenhum dos dois ousa cruzar a rua e tomar a calçada do outro. Um rabo de olho esbarra aqui e ali, um enxergar sem ver, a cortina de água engrossa o vão entre a gente. O garoto retoma seus pulos saltitantes e desaparece numa dobra de mundo que o meu olho não alcança. O barulho da água revolvida na fuga parece ecoar no meu peito oco. Quando dobro a esquina ele está lá, costas alinhadas no muro de um velho galpão, sorriso cravado num canto do rosto a dese-

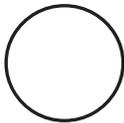
nhar a malícia quase adolescente com a qual me hipnotiza. Digo a ele que a gente tá navegando na mesma direção e sorrio de volta, não sei se ouviu, pois nenhum de nós atravessou a rua que nos separa, também não sei se fui eu quem disse ou se foi a chuva se fazendo verbo em minha língua fluída. Mantenho o meu curso. Respeito o território dele, mas até quando e até que ponto isso vai continuar? Eu sei bem, é o mesmo porto, ou melhor, a mesma estação do metrô. Só existe um caminho possível no meio dessa porra de tempestade. Ele deve ter desembocado nas calçadas dessa madrugada assim como eu e assim como a água que desce pelos dutos, todos misturados, homens e detritos, levados pela enxurrada que veio para purificar nossa Sodoma de aço e concreto. Provavelmente ele também acaba de sair de alguma caverna hedonista, nossas olheiras nos denunciavam, inventário de insônias e excessos. Minhas velas continuam inflando dentro do rio cidade, sempre em frente. Vez ou outra, ele desaparece para reaparecer num ponto mais adiante, o sacana, brinca com meu desejo como uma criança envidraçando insetos peçonhentos em um tubo de conserva. Não tens escrúpulos, Ravi? Enquanto você desaparece por dias, me vejo nessa busca, sem saber onde te procurar, com certeza não está no corpo desse *boy* do outro lado da rua. Mesmo assim, continuo te procurando nas sarjetas da cidade, no cheiro do outro, no vão das paredes. O caminho es-

tica embaixo dos meus pés, o itinerário nunca me pareceu tão longo, talvez por causa das correntes nos pés. Vejo a placa do metrô, já está em horário de funcionamento, sou tomado pelo alívio de quem se vê no fim de uma viagem após tantas escalas, os jogos do garoto alimentam o tempo e as fomes que eu já tinha saciado. No entanto, parece existir algo além da mera necessidade de preencher o vazio dele com o meu vazio. Não é só sobre cruzar a geografia do corpo, conquistar territórios... alguma coisa na lamparina do olho dele, que não vislumbro em detalhes daqui de onde estou, mas que promete paisagens onde nunca estive. Sim, agora há pouco, quando a luz magra do poste arrancou o rosto dele das sombras, eu vi. E sei que, seja lá o que for, só descobrirei quando nossos olhos se encontrarem. Alcanço a margem, pulo em cima do turbilhão negro da boca de lobo que draga a noite para uma escuridão maior. Vou vomitar a noite no sapato novo do garoto. Sim, puta merda, eu sei que vou, estou adoecido de tanta lucidez. Os nossos passos, lado a lado rumando pra dentro das falhas subterrâneas onde a serpente de aço, louca, mística e barulhenta, vai nos levar a algum ponto distante. Casa: a minha ou a dele, tanto faz. Paredes que escondem intimidades, cheiros de ausência e segredos, o clima certo se cria em qualquer lugar, certas palavras, certa dança febril no olhar, adiar o sono um pouco mais, deixar a ressaca em *stand by*, trepar, gozar e voar de vol-

ta para dentro das nossas carcaças vazias vestindo um cansaço feito de cacos e vertigem. As marcas da noite impressas feito queimaduras de cigarro em nosso peito. Cairemos exaustos e sozinhos dentro de nossos limites, órfãos da noite, dormiremos com fagulhas na cabeça, dores, sussurros, esperma. Tudo isso, Ravi, porque você desapareceu na areia movediça dos meus dias. Teu celular que não responde, as mensagens sem resposta. E tudo parece já ter acontecido entre o garoto e eu e ainda nem ficamos frente a frente na porta da estação. Tudo isso já aconteceu porque somos antigos e também porque nada existe, de fato. São sucessões de uma mente desvairada, talvez a coceira repetitiva nas axilas de um deus, por isso relatar a primeira vez em que nos vimos se torna algo tão irrelevante. Pode ter sido desse jeito, vestindo os ensinamentos das chuvas ou não, pode ter sido em outra cidade. Quem sabe Bagdá, embora pouco provável. Quem sabe Veneza, onde as ruas são feitas de água como nessa noite. Quem sabe Bogotá, Recife. Quem sabe Berlim e nos encontrássemos lá, no meio da multidão em um show de um Bowie ainda vivo ou de um King Krule. Isso de não existir fato concreto ao qual me apegar abre tantas outras possibilidades que até me perco. Eu e o garoto que agora sim, está na minha frente, talvez tenhamos sido guerreiros espartanos, monges tibetanos, revolucionários latino-americanos. Fomos irmãos, marido e mulher, pai e filho, inimigos, amantes,

atirados aqui e ali em cordões de vida, dois vasos prontos para serem preenchidos com barro novo sempre que preciso for. Ou vivemos todas as vidas ao mesmo tempo, quem garante que não tenhamos existências complexas vivendo simultaneamente em tantos outros “tempo-espaço”. O garoto afasta uma mecha da testa suada, terço de plástico verde fluorescente no pescoço. Tenho a impressão de que a cruz está queimando o peito dele e que vai ficar uma cicatriz na pele azeitonada, delírio hollywoodiano, filmes de vampiro demais pro meu gosto. Me lembro que é sexta-feira da paixão e que a sauna de onde saí há pouco é um dos raros lugares abertos na cidade. O garoto diz que tem um boteco aberto na vizinhança dele onde a gente pode tomar uma cerveja. Eu digo que estou indo sempre em frente porque a chuva enroscou correntes nos meus pés e cobriu meu corpo inteiro com o corpo dela. O garoto franze a testa, parece preocupado com o que acabo de dizer, não sei se pelo conteúdo ou pela forma fatalista na qual embrenhei a frase, a mecha retorna à testa suada e molhada de chuva e lá permanece; o garoto me diz que seguiremos em frente sim e que eu posso tomar uma ducha na casa dele, livrando assim o meu corpo do corpo da chuva, depois ele vai fazer um café bem quente que é pra não restar temperatura de chuva dentro do meu peito. Acho a ideia muito boa e atravessamos as catracas da linha vermelha do metrô.

4

 boteco é do tamanho de um banheiro forrado de azulejos portugueses. Duas coxinhas se decompõem na vitrine suja, não há ninguém nas ruas, não há chiado de batatas fritando no óleo velho. O balconista cochila no balcão e o garoto não se entende com a sua cerveja congelada. Eu peço mais uma garrafa. Ele usa um jeans rasgado nos joelhos e uma camiseta branca. Um James Dean sul-americano me dizendo que as malas estão prontas, que vai pra Madri. Eu penso que as malas estão sempre prontas, principalmente quando se é um garoto como ele e não entendo muito bem se ele vai estudar, trabalhar ou se prostituir. Digo que estou procurando alguém que desapareceu há algumas semanas, descrevo os traços físicos de Ravi como se ele estivesse sentado nessa mesma cadeira no lugar do garoto. Pergunto se ele não viu alguém assim nos lugares por onde andou. Ele diz que sim, que viu vários, e que todos desaparecem sem deixar vestígios uma hora ou outra. É o que você tá fazendo agora, sussurro, indo pra Madri, não é? Ele afirma balançando a cabeça. Um sorriso malicioso fica tatuado em sua cara. Me sinto estranho, um arrepio me percorre o corpo enquanto o garoto termina a sua cerveja. Embaixo da mesa de latão seus

sapatos novos esbarram no meu tênis gasto e encharcado. Pago a conta e levamos uma porção de salame de coloração suspeita pra comer com pão. Dois quarteirões depois a carranca enferrujada de um portão se escancara enquanto o garoto abre passagem para que o meu corpo passe. Prédio baixo, três andares, ele mora num quarto nos fundos do apartamento de uma viúva. Sua mão quente agarra a minha enquanto atravessamos corredores escuros contendo o estardalhaço das nossas pisadas, um breu de morte nos envolve, totalmente oposto ao dos labirintos escuros da sauna embotada por gemidos e música eletrônica. Sou paranoico pra caralho e começo a imaginar coisas. Me pergunto se o garoto não me viu antes na sauna e se não estou sendo guiado pra algum tipo de enrascada, o apartamento decrepito da viúva seria mera fachada para uma dessas quadrilhas internacionais de tráfico de órgãos ou coisa parecida? A viúva, se é que existe de fato tal figura, seria a cabeça da gangue? Na certa o garoto iria para Madri, mas não para estudar ou trabalhar e sim para levar meus órgãos ao destino de um doente terminal ricoço que estaria esperando neste momento com uma mala forrada de euros. Poderia ser a filha mais nova do ricoço, na flor da idade, abatida por uma fatalidade. Foda-se, isso daria um filme ruim. A cerveja congelada não deve ter descido bem. Meu tênis molhado faz um barulho escroto a cada pisada, tento abafar o riso, mas percebo que não é meu o

riso que cascadeia nas trevas do apartamento, o garoto deixa escapar uma risada cheia de guizos que perfura o silêncio. Finalmente chegamos ao seu quarto, um esporro de luz explode na minha cara, o garoto põe o abajur no centro do quarto. Assim é melhor, ele murmura, como se estivesse falando sozinho enquanto arranca os sapatos e os atira num canto escuro do quarto. Pergunto se o barulho não acorda a viúva. Ele responde que com a porta trancada é difícil escutar qualquer coisa. Além do mais, as paredes são grossas. As luzes do abajur lançam fantasmas elétricos em todas as direções e no corpo do garoto, Tiro meu tênis e meias empapados de água da chuva, meus pés brancos parecem frágeis e estão enrugados por ficarem molhados por tanto tempo. Ele me estende uma toalha e indica a porta do banheiro, Tomo banho com a porta aberta, vendo o garoto só de cuecas andando pra lá e pra cá e ligando o rádio baixinho, Começa a dançar no centro do quarto, imerso em sua própria aura. A pele parece um fruto fresco sob a luz do abajur; meu pau fica duro, me enxugo devagar sentado na borda da cama. Jogado sobre o lençol, há um desses panos que vendem em lojas indianas com o desenho de um sol de rosto sereno. Ele senta no chão abraçando os joelhos dobrados, parece esperar algo, só então me dou conta do borbulhar e da fumaça. Num canto, há um fogão portátil de duas bocas. A água ferve, ele se levanta e prepara o café. Conforme o prometido, me diz,

oferecendo uma xícara cheia. O café me faz bem, meu olho enquadra o garoto debruçado sobre o peitoril da janela olhando a rua. Logo o dia vai clarear, embora o mau tempo atrapalhe o nascer do sol, ele mexe lentamente o corpo ao sabor da música que toca, tem uma bunda viril, firme, provavelmente coberta por uma leve penugem castanho escura. Fico maravilhado, sem saber o que fazer do tempo que corre. A mesma sensação de eternidade que experimentei com Ravi. Não sei se é isso o que move a minha busca, prefiro não ficar dando nome às coisas que sinto porque há sempre uma nova volta no parafuso dessas sensações. Talvez não seja a mesma coisa, isso que experimento agora e o que senti com Ravi adormecido em meus braços, nunca é. O garoto vai até a cozinha na ponta dos pés e volta com pão e queijo, seu sorriso é insuportavelmente branco, a mecha castanha indo e vindo outra vez, comemos o pão e o queijo com o salame comprado no boteco, não estava estragado apesar da cor. O garoto diz, com a boca cheia, que a viúva é a mãe que ele não teve. Pergunto se ela não vai sentir falta quando ele for pra Madri. Ele diz que sim, mas que já está providenciando passar o quarto para um amigo que também vai ser como um filho pra ela. Pergunto como ele pode ter tanta certeza disso. O garoto limpa os cantos da boca com as costas das mãos, em seguida acaricia os pelos em seu peito e sorri de olhos fechados dizendo que ele e o amigo são idênticos fisi-

camente, o mesmo triângulo espesso e castanho forrando o abdômen, descendo em menor proporção até a barriga. Fina trilha escura, caminho que desemboca num sul de pentelhos entre as pernas. Ele diz que era assim, desse mesmo jeito que o falecido marido da viúva era antes de morrer de uma doença desconhecida. O silêncio engrossa dentro da minha boca, sei que não vai adiantar nada perguntar qual é a relação entre os fatos apresentados, sei que ele vai narrar a história até o fim porque é isso o que as pessoas fazem quando fecham os olhos e ignoram os silêncios que escorrem pelos cantos da boca do outro. O garoto prossegue, diz que sim, que sentia já há muito tempo uma vaga promessa lhe roubando o suor do corpo, como se pertencesse a alguma coisa anterior à sua existência. Os retratos daquele homem por todo o apartamento, justamente aquele apartamento, o único lugar que ele encontrou para morar e que cabia em seu parco orçamento. Só depois percebeu serem tão parecidas as feições nos quadros e o rosto que o espelho lhe trazia todas as manhãs. Um caldo de sensações, sentia elos maiores que os da semelhança física. O olhar da viúva à deriva, perdido no corte v de suas camisetas, ali, onde os pelos do peito ficavam à mostra. Por vezes as frases dela não chegavam ao fim, como se uma navalha de memórias cortasse o seu fluxo pensante. O garoto temia que ela saltasse sobre ele, canina, embora velha demais para lhe causar qualquer

mal. Parou de usar camisetas gola v e não demorou muito em perceber um novo retrato do falecido na mesa de centro da sala que ele tinha certeza que não estava ali antes. Moldura cara e prateada abraçando um torso desnudo, cercado de natureza que revelava porte físico idêntico ao seu. Aquilo seria um recado? Em seu último aniversário o garoto foi surpreendido por um embrulho em cima da cama. Sentiu vergonha pelas meias sujas espalhadas pelo quarto e se perguntou se a viúva teria visto as manchas ressecadas de porra no lençol. Ele sabia que ela tinha uma cópia da chave, mas nunca lhe passou pela cabeça que a velha pudesse entrar em seu quarto durante a sua ausência. Constrangido pela invasão, desembulhou o presente e sete camisetas gola v caíram sobre a cama. Um arco-íris com todas as cores que combinavam com seu tom de pele azeitonado, ou seria o tom de pele do marido falecido? Já não se sentia mais ele mesmo dentro daquela casa, dentro daquele corpo e aquilo não era de forma alguma uma coisa negativa. Era como se ele tivesse encontrado sua razão de viver, como se tivesse vindo ao mundo apenas para complementar o gesto interrompido pela morte. O garoto começou a perceber que algum processo estava se desencadeando, embora não pudesse compreender ao certo qual seria o seu papel naquilo que se desenrolava. Todas as noites costumava ir até a cozinha pra tomar um copo d'água antes de dormir; sempre dormia nu e

sabia que àquela hora a viúva já estava no décimo sono. E qual não foi a surpresa em seu rosto quando, uma noite, ao retornar nu da cozinha, deu de cara com a silhueta dela sentada na sala, olhos marejados, embebida na carne de sua nudez. O mesmo dorso do retrato, o dele e o do falecido. Seria o garoto uma reencarnação do marido da viúva? Nenhuma palavra saiu da boca dela, mas ele entendeu tudo, entendeu o que tinha a fazer; inesperadamente sentiu uma onda quente e cálida emanar de seu coração. Sim, aquela beleza e juventude não seriam de graça, ele precisava retribuir. Pegou a viúva no colo, porque ela pesava quase nada de tão velha e encarquilhada, e foram para o quarto dela. Num sussurro quase infantil a viúva fez do seu desejo verbo, ela só queria dormir em seu peito, como fazia com o falecido. O garoto pousou a cabeça grisalha dela em seu esplêndido peito castanho. Ela aninhou o sexo do garoto com a concha das mãos, num gesto de proteção. O garoto diz que nunca dormiu tão bem em toda a sua vida, um sono limpo e justo como o de um homem que trabalha no campo de sol a sol. Ele sussurra algo que não entendo muito bem, acho que é sobre o amigo estar disposto a cumprir o mesmo ritual quando ele partir, já está tudo acertado. Depois de me dizer essas coisas o garoto abre os olhos como se despertasse de um sonho. Deposito a xícara vazia na cabeceira da cama, no rádio um violoncelo parece acompanhar o ritmo das gotas de chuva que

caem lá fora. O garoto fecha a cortina, vem gingando na minha direção, seu corpo celebra uma outra música, não é a canção do rádio, deve ser a canção do desejo. Tento entrar no ritmo, mas apenas o meu pau responde, apontando dentro da toalha uma direção que ignoro. Talvez Madri, talvez o obscuro paradeiro de Ravi, ah, Ravi, Ravi, Ravi, andas te prostituindo? Onde nos quatro cantos do mundo? Traficando órgãos? Eu nada sei. O garoto me encara, nossas caras quase grudadas, nossos bafos se chocando, estilhaços de ressaca e salame. Ele puxa com força a minha cabeça em sua direção, arranca a toalha do meu corpo e dá de cara com a minha pica indicando um continente impossível. Me pergunto quem vem vasculhar minha carne: o garoto ou o marido da viúva? O cheiro do corpo dele tem algo de cômodo abafado, lugar fechado, clausura. O garoto suga o meu sexo com voracidade, tenho a impressão de nunca ter tido entre as mãos uma cabeça tão viril, bela, escultural. As veias que saltam do seu pescoço me lembram corpos em batalha embebidos em sangue, guerreiros espartanos numa outra vida. Sim, deve ter sido verdade. Inesperadamente ele me vira de bruços, fico desnorteadado, eu não esperava ser enrabado. Uma gaveta se abre na cabeceira, estalidos plásticos na minha nuca, embalagem de camisinha, tubo de lubrificante. Ele afunda a cara no meu rabo. Me sinto estranho, acuado, começo a odiar o garoto. O peso do seu corpo castanho cai sobre

o meu como um saco de batatas. O rádio transmite as primeiras notícias do dia. Trânsito, mortes, sequestros, previsão do tempo, sem chuvas ao longo do dia, sem chuvas ao longo da minha carne que o garoto livrou de outra tempestade. Uma pequena fagulha espoca dentro de mim, meu pau continua em riste, mesmo comprimido contra o colchão. O garoto me penetra lentamente, quase agradeço a quantidade generosa de lubrificante, ele tem um pau grosso, já deve estar acostumado a facilitar as coisas pros machos que vira de bruços sem cerimônia. Vai bombeando a minha carne com mais vontade e em pouco tempo já está me dando estocadas enérgicas. O choque de nossas carnes gera barulhos estúpidos. Quando tento me masturbar ele prende as minhas mãos atrás das costas e me dá uma chave de braço no pescoço. Filho de uma puta; na certa é um desses lutadores de MMA. Quase o derrubo de cima da cama, mas não tenho tanta força assim pra empurrar com o rabo um macho desse porte. Entro no ritmo das suas investidas com os meus quadris e gozo no pano indiano. Afogo a serenidade pintada no rosto do sol, uma poça quente se forma embaixo do meu corpo. Em pouco tempo, ele também esporra dentro de mim, ficamos os dois tombados na cama brigando por cada milímetro de oxigênio dentro do quarto. Me espanta que a viúva não tenha acordado, as paredes devem ser mesmo grossas e surdas. O garoto vai até o banheiro e mijá de porta aber-

ta, suas pernas são curtas e um pouco curvas como um alicate. Admiro sua bunda, de penugem castanha, como eu havia imaginado. Peço pra tomar outro banho. Ele diz que sim, mas que só tem aquela toalha que usei e que ainda está úmida. Não faz mal, a água demora pra esquentar; quando saio do banho ele está fumando um cigarro na janela, o dia já está claro, embora nublado, ele me olha de lado, sorriso no canto da boca, como se estivesse prestes a revelar um segredo. Diz que a viúva quer me conhecer; enrolo a toalha em volta da cintura sentindo um desconforto diante daquela espécie de ordem. Talvez se eu tivesse resistido em ser passivo não estaria recebendo ordens agora, puta merda. A teoria do tráfico de órgãos vem à tona novamente em meu cérebro farpado pela falta de sono saudável. Sou guiado novamente pela mão do garoto, o corredor escuro se abre como uma boca negra cheirando a mofo. A música no rádio vai morrendo aos poucos até desaparecer no final do corredor; seguro a toalha amarrada em meu corpo, tão encharcada que é mais um estorvo pesado do que abrigo para a minha nudez. Um ranger de maçaneta faz meu coração disparar, não entendo por que estou tão sobressaltado, no fundo não acredito em minhas teorias sobre sequestros e tráfico de órgãos. Claro que o fato de acreditar ou não em nada muda o curso das coisas. Se meus absurdos coincidirem com a verdade, eles acontecerão, quer eu acredite ou não. O quarto está ilumina-

do por um abajur, mãos cruzadas sobre o peito. É a primeira coisa que vejo, calafrios, a coisa pequena é quase uma criança dura no centro da velha cama de casal, um cheiro doce de perfume como se um odor maior, impregnado no ar, estivesse sendo ocultado. Esse misto de fragrâncias salta em cima da minha pele fresca de banho, o garoto se senta na cama ao lado da viúva, pega um pente na cabeceira e começa a escovar o volume grisalho que se espalha por todo o travesseiro. A luz do abajur colidindo contra a camisola branca dá um ar espectral ao corpo amarfanhado da viúva. Num canto do quarto um altar abarrotado de santos e velas queima intensamente, o cheiro de cera e perfume é nauseante. O garoto diz coisas brandas no ouvido dela, como se conversasse com uma pessoa em coma. Ele sorri e diz que ela está feliz em me conhecer. A viúva não mexe a boca, nem abre os olhos, não respira. Ele diz também que ela pensou que eu fosse o tal amigo que vai ficar em seu lugar quando ele viajar. Um meio traço de riso se espalha em minha cara, de onde estou posso emoldurá-los, um quadro perturbador grudado à minha retina, a certeza de que isso vai ficar pra sempre em minha carne junto aos cheiros desse quarto é pior do que qualquer sequestro seguido de remoção de órgãos sem anestesia. Sim, minha pele se arrepia, suor frio descendo pela espinha, o garoto percebe a minha vertigem e vem caminhando em minha direção. A luz do abajur vai embora,

a camisola branca, as mãos enrugadas cruzadas sobre o peito, o altar e a cera escorrendo das velas consumidas desaparecem num apagão. Antes que meu corpo enfraqueça e comece a ir de encontro ao chão sinto os braços dele me amparando, o garoto ou o marido da viúva? Isso eu nunca vou saber. Quando recobro os sentidos não sei onde estou. Meu corpo se agita e revela o sol e a mancha seca do meu sêmen. Estou no quarto do garoto novamente. Não sei quanto tempo se passou, algo ferve na chaleira. Sufjan Stevens cantarola no rádio entre banjos e teclas de piano, me levanto devagar e visto minhas roupas, o garoto entra no quarto em silêncio e prepara o café. Outra chuva colide contra o vidro da janela, as previsões do rádio mentiram, calço minhas meias molhadas e peço que ele me guie até o lado de fora daquele apartamento. Ele me oferece uma xícara cheia em silêncio, a fumaça me inebria. É como se o garoto não tivesse ouvido o meu pedido, seu rosto sério parece decepcionado, algo teria acontecido para que os planos da noite fossem arruinados? Teria sido por causa do meu desmaio? O garoto me dera abrigo esperando secretamente que eu realizasse algum gesto que não fui capaz de concretizar? Minha cabeça dói, vou a passos cambaleantes até o banheiro. No momento em que fecho a porta é como se tivesse um relógio programado dentro de mim, meu corpo se contorce violentamente, um vômito certo atinge o vaso, fico alguns segundos ajo-

lhado esperando alguma nova surpresa, nada, estou vazio e agarrado ao vaso. Insuportavelmente a sós comigo mesmo, cada fio de pensamento, ao ser gerado, dilacera as entranhas da minha mente. Me levanto e lavo a boca e o rosto. Evito o espelho, saio do banheiro e tomo a xícara de café ainda quente, queimo a língua. O garoto sorri satisfeito, não parece haver expectativa não cumprida. A chuva diminui lá fora, mas o dia parece envolto em uma branquidão enevoadada. Cruzo os corredores pela última vez. A mão do garoto se enrosca na minha, dessa vez sem a firmeza do começo da noite, apenas me guiando para fora das trevas daquele subúrbio, passamos diante do quarto fechado da viúva. Na certa as velas do altar chegaram ao fim, não sei por que penso nisso. Cruzo o portão enferrujado sem olhar para trás, não há palavras de despedida, atravesso a rua apressado, fugindo dos pingos gelados. Ou estaria correndo do garoto com sua boneca de pele encarquilhada? Não, eu não precisaria fugir, o garoto vai para Madri, provavelmente por que sabe que descobriu algo maior do que ele e que não vai poder viver tal coisa por aqui. O poder de realizar-se em total plenitude não ficou pra essas bandas do mundo. É sempre um ato heroico ou suicida, e ninguém quer mais saber de heróis por aqui. O boteco permanece aberto com suas moscas e mesas de alumínio. Quase posso ouvir o barulho do primeiro misto quente na chapa ou da primeira porção de fritas

no óleo enegrecido de tão usado. As cachaças nunca inauguram um novo dia, pois seguem um fluxo interminável que vem desde a noite anterior, atravessando a madrugada. Há um cliente lá dentro. Sim, é ele, posso reconhecê-lo à primeira vista e em qualquer lugar, meu corpo nunca se engana, minha pele se enriça tal qual o seu cabelo a faiscar em mechas douradas. Vejo Ravi sentado no balcão, bebendo refrigerante com meu par de óculos escuros. Faz um gesto obsceno, zomba de mim, eu não entendo a sua atitude. Me ponho em movimento, o safado está querendo brincar com a minha cara, sou tomado por um novo ânimo. Corro em sua direção, ignoro a chuva que começa a engrossar novamente. É como nos filmes, um ônibus passa entre nós e Ravi já não está mais lá dentro, nenhum vestígio dos meus óculos escuros sobre o balcão sujo do boteco. Um frio me sobe pela espinha, não sei se estou ficando louco, o fato é que preciso de algumas horas de sono saudável. O metrô fica a duas quadras, minha sanidade talvez fique mais adiante, em algum lugar não sinalizado por mapas, bússolas ou aparelhos de GPS.

5

Ele começa a fazer sua série de agachamentos na minha frente. Nossos olhares se cruzam no espelho que toma toda a parede. Os ventiladores da academia estão quebrados, um calor insuportável. Os coroados na esteira nem precisavam correr tanto pra perderem as barrigas de cerveja e churrascos dominicais. Pra piorar, a Fabiana na recepção colocou a música eletrônica no talo e isso numa segunda-feira é de amargar. Preencho a ficha de uma nova cliente, vez em quando levanto o olhar e o azul do olho dele está pousado em mim novamente. Seu nome é Gary e ele é inglês, mas isso eu só descubro após uma investida ousada vinda da sua parte. Ele nunca pediu nenhum auxílio no treino, embora eu esteja aqui pra isso. Não montei sua ficha, deve ter sido o Carlão da tarde ou o Roberto do noturno. Agora há pouco ele me abordou, enquanto eu redistribuía os pesos nos lugares certos, coisa que os clientes nunca fazem. Você esqueceu as suas chaves no armário da sauna gay sexta à noite, disse com o rosto e tom de voz, ambos inalterados, como se dissesse que eu esqueci a porra das chaves no dentista, supermercado ou coisa parecida. Eu respondi que se eu não fosse quem ele pensava ele podia ter ganhado um soco no meio da cara.

O sacana sorriu; sim, Gary sabia quem eu era e me reconheceu em meio ao breu da sauna. Além do mais, a ala dos armários não é escura. Ele disse que chegou quando eu tava de saída, estava esperando desocupar um armário. Eu me lembro de ter dado o cartão eletrônico de acesso do armário ao recepcionista e, por conta do grande movimento na sauna àquela hora, ele deu baixa e passou - o imediatamente ao próximo cliente. Não prestei atenção em quem recebia meu armário recém-esvaziado. O inglês enfiou a mão no bolso e me entregou o molho de chaves alegando que não confiava em atendentes de sauna gay, caso eu fosse até lá procurar. Agradei ainda um tanto espantado com toda aquela coincidência. Gary sorriu e se posicionou à minha frente, sua série de agachamentos parece estar dando um bom resultado, não deixo de olhar o seu traseiro fabricado na terra da rainha. Do outro lado da academia, Guto, que divide comigo o turno da manhã, mantém abertos num alongamento os braços senis da idosa asiática que vem se exercitar para combater algum tipo de doença degenerativa, ela tem uma espécie de sorriso fixo no rosto, como se zombasse do mundo. No fundo do galpão, os bolivianos fazem séries de supino reto e bíceps com barra, eles se exercitam em conjunto e nunca dizem mais do que o necessário, até mesmo entre eles a comunicação é escassa, composta em sua maioria por monossílabos, gestos e acenos de cabeça, seus

corpos parrudos são cobertos por tatuagens de alguma Virgem protetora e seus cabelos lisos estão sempre untados por alguma meleca gelatinosa. Olho pela vitrine o parque em frente, é ali que Ravi costuma me esperar, ou era, antes de desaparecer. Quem me dera constatar mais uma vez que ele pegou meus óculos escuros sem pedir, quem me dera vê-lo atirar a bola de volta aos meninos que já não jogam bola ali, nem se penduram nos brinquedos agora enferrujados em meio ao abandono. O banco de madeira apodrece sob a chuva matinal. Tudo apodrece na ausência de Ravi, assim como a madeira pesada do meu corpo. Gary se despede apertando a minha mão, penso no que poderia ter acontecido se eu tivesse permanecido mais tempo na sauna. Teríamos terminado em uma das cabines privativas? Eu teria destroçado o seu traseiro britânico? Qual seria a sensação de comer um rabo branquelo de além-mar? Seu sorriso insistente é dentuço como o de Freddie Mercury, e como o do primeiro garoto com quem transei aos quinze anos. Já nem lembro o seu nome, mas sei que começava com L e que ele era dois anos mais velho que eu. Lembro de adentrarmos labirintos feitos de barracos e casas sem reboco em uma periferia qualquer, lembro do meu desnorteio, do medo exalado por cada poro da minha pele e do amontoado de tábuas onde L vivia com sua mãe e da tarde que poderíamos usufruir antes que ela chegasse do trabalho. No barraco não havia água en-

canada, ele ligou a TV apenas para iluminar o recinto e me puxou para a parte de baixo de seu beliche com lençol do Mickey. O verão abafado prometia uma tromba d'água. Seu corpo era másculo, embora ele fosse extremamente afeminado, mas eu nunca liguei pra isso. Uma barba rala se ensaiava em seu rosto branco e eu podia sentir de leve seus fios me arranhando. Enquanto L sugava a minha boca com seus dentes grandes eu sentia que toda a sede do meu corpo finalmente passava a fazer sentido ali, naquele barraco frágil, prestes a ceder a um temporal forte, com a TV ligada num programa de culinária e fofocas. Sim, a minha existência enfim se equilibrava em meio ao caos turvo do desejo, o cheiro de suor que despregava de nossa carne adolescente seria capaz de enlouquecer e pôr no cio todos os homens e mulheres perdidos em meio àquelas velas sujas. Eu me senti sagrado, estranhamente sagrado dentro daquele cubículo de madeira e telhas Brasilit. Cubículo inconcebível e mal equilibrado no corpo íngreme do morro, e talvez fôssemos corpos íngremes e o desejo fosse a soma dos barracos que teríamos que equilibrar disciplinadamente dentro de nós sem deixar que desabassem num acesso de tesão. Minha mente atravessava novas fronteiras dentro da tarde abafada, era como se um novo ponto de partida tivesse se iniciado na minha vida ou como se na verdade não fosse o caminho o elemento novo, mas sim os meus passos que haviam adquirido

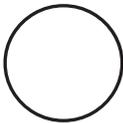
um jeito diferente de andar. Aquela sensação parecia trazer a única imagem coerente em meio à desordem do mundo que se desdobrava ao redor. Um vago medo de que a mãe de L chegasse a qualquer momento dava um tempero singular à situação. Seus dentes cavallares arranhavam de leve a pele sensível do meu prepúcio e isso me excitava ainda mais. Segurei sua cabeça contra o meu ventre, puxei seu cabelo de corte moicano na minha direção até ouvir o engasgo, sua garganta parecia não ter mais fundo, abarcava junto com meu pau toda a minha existência. Eu já estava prestes a gozar quando L plastificou meu sexo com uma camisinha, sua habilidade era incrível e isso eu não esperava de um garoto apenas dois anos mais velho. Antes que pudesse me dar conta, eu já estava dentro dele e obviamente não durei muitas estocadas antes de me esvair em esperma. Após um curto descanso observando os nadas televisivos do fim de tarde, nossas vontades se reergueram novamente e repetimos a dose, dessa vez meu desempenho foi melhor. Por fim, fumamos maconha soltando a fumaça na cara um do outro e depois ele espirrou desodorante por todo o barraco para que sua mãe não sentisse o odor de sexo e marijuana e é claro que o resultado foi o pior possível, pois a fragrância se misturou ao odor da erva. Deixamos a única janela do barraco aberta por algum tempo. No fim da tarde, L e eu fomos ao boteco na esquina de sua viela e tomamos um lanche até uma mu-

lher que passava do outro lado da rua lhe chamar num tom grave. Foi a última vez que o vi, dobrando a esquina e carregando as sacolas de supermercado da mãe. Rebolava mais do que ela, depois de ter arranhado o meu prepúcio e me deixado sem saber como sair daquele labirinto de barracos e vielas, anoitecia... Agora fico algum tempo paralisado no meio da academia com as chaves perdidas na mão. Guto passa e tira onda com a minha cara enquanto destroça uma barra de cereal. Rubão e Mario vêm até mim chacoalhando suas coqueteleiras de whey protein, usam essas regatas que só cobrem o mamilo e que parecem ter sido rasgadas por lobos enfurecidos. Me perguntam alguma banalidade que respondo automaticamente. Acho que era alguma coisa sobre remada baixa, não importa, ainda estou meio disperso e acho que eles percebem, pois logo me deixam em paz. Treinar coxas e panturrilha de vez em quando seria bom, quase grito, mas eles já estão no fundo do galpão tirando fotos na frente do espelho. Preciso tomar cuidado para não estourar, já ando nervoso e ainda nem chegou o verão, quando a academia recebe da noite pro dia um surto de desesperados que pensam que conseguirão reparar todo o estrago de um ano em apenas algumas semanas antes do carnaval. Revolver meu desvirginamento com L foi uma experiência profunda e inesperada. Quem diria que os dentes irregulares de um inglês pudessem me trazer tal imersão. De qualquer

maneira, experimento uma espécie de gozo secreto ao constatar que, desde as mulheres suando sobre as máquinas de glúteos até os bolivianos parrudos e incommunicáveis, passando pela velha asiática degenerativa e os garotos suplemento, não há quem possa desconfiar das lembranças desvirginatórias que aturdiram a cabeça deste treinador no instante que corre. Guto me dá um tapa nas costas. Acorda, meu irmão. Puto desgraçado. Qualquer dia a gente vai acertar nossas diferenças, pode apostar; os bolivianos partem em suas motos envenenadas, o barulho dos motores contrasta com seus silêncios, começo a desconfiar que talvez eles integrem alguma gangue a serviço do tráfico de drogas. As teorias voltam a espocar no vazio da minha cabeça, deve ser culpa dessa bosta de música eletrônica, porra, Fabiana! Ela me olha atônita de dentro do seu abrigo. Peço desculpas e pergunto se ela não pode abaixar um pouco o volume do som. Tem alguma coisa me fodendo pra valer, talvez seja o sumiço do Ravi, não sei. Fico sem saber que atitude devo tomar diante dessa situação, ele não me parece realmente desaparecido, mas sim desviado do meu caminho de modo intencional. Pode ser paranoia, mas é o que eu acho, quem sabe uma viagem a negócios com os irmãos para que ele possa aprender a ter o pulso firme com o mundo que vai herdar. Sim, imagino sua cara tão jovem, forçando maturidade junto aos irmãos barbudos e envelhecidos pela crise financeira e

pelos charutos e doses cavalares de uísque e coca. Imagino-os atravessando os portões de embarque dos aeroportos, salas de reuniões de escritórios em Manhattan e jantares de negócios. Ou talvez não seja nada disso. Talvez Madri, por que não? Destino final desses garotos extraviados pela vida. Estariam Ravi e o garoto de pele azeitonada sendo agenciados pelo mesmo cafetão lá no outro lado do Atlântico? Quartos pequenos e malcheirosos divididos com outros garotos de diferentes nacionalidades. Ravi seria experimentado a nível internacional, muitos pagariam pra ter a companhia de um rapaz *brasileño* tão bonito e tão bem cuidado. Talvez a viúva, depois de encenar sua morte para que eu não visse nenhum elo entre ela e a prostituição internacional fosse a verdadeira agenciadora, já não sei mais... Pouco provável. Da família de Ravi eu sei que não posso esperar nenhum tipo de resposta. Quem sabe sua irmã Marta, ela sim seria a mais acessível embora eu não saiba como contatá-la. Fabiana pergunta se estou bem. Respondo que é só um pouco de dor de cabeça. Ela sorri, andou farreando, né? Eu sorrio de volta como se confirmasse. Não dá para confidenciar nada a alguém que veste abrigo esportivo rosa pink e gruda adesivos de joaninha nas unhas. A casca que protege meus pensamentos segue imune às especulações alheias. Tomo analgésicos e emudeço até o final do expediente. Sobrevivo, ou qualquer coisa do tipo.

6

 clique seco da Nikon captura as linhas e as cores que formam o meu anguloso traseiro. Em preto e branco eu pareço uma escultura antiga prestes a esfarelar com o vento. Teria esse último clique roubado a minha alma? Ou pior: teria a minha bunda uma alma própria para ser roubada? Questiono Laila e ela sorri por trás da câmera. Diz que roubou a alma da minha bunda pra colocar na sua, que anda meio caída. Suas unhas riscam de leve a minha pele, ela beija a minha nádega esquerda, tatuagem vermelha. Revisito de memória as marcas com ferro em brasa que os fazendeiros fazem no gado. Na sacada, Simon uiva com seu acordeom, os cabelos encaracolados brincam ao luar. Ponho almofadas sob o ventre e deito de barriga pra baixo no sofá vermelho enquanto Laila inaugura uma série de disparos com sua câmera. Arranco a calça e a camiseta, um grande espelho com moldura dourada reflete o meu corpo nu. Curiosamente me sinto mais despido dentro dele do que aqui fora. Três taças de vinho erguem um brinde. Laila sorri, Simon cerra os olhos e entorna a taça sobre a minha cabeça, meu rosto chora o sangue das uvas e mesmo assim não me sinto renovado, a noite se ritualiza em cada gesto esfumaçado pela embria-

guez, em cada tatuagem ardente, em cada sol em brasa por dentro de bocas e línguas entrelaçadas. Saúdo as esquinas de sexta-feira, esquinas lotadas, cuspidos passos trôpegos na sarjeta, mas meu peito parece uma casa vazia, ecoando ausências, despojado dos objetos vermelho-suculentos que a noite e o apartamento de Laila trazem aos meus olhos. Agora sim posso ser fotografado, penso comigo, agora que não tenho mais nada para ser roubado, apenas essa carne que se desenha sob a luz morna do abajur e que é imortalizada pela câmera da minha amiga enquanto o acordeom de Simon amordaça o ar sutilmente com seu lamento rubro. Fecho os olhos, uma língua experimenta o vinho que escorre pela minha barba. Não sei se de Laila ou de Simon, tanto faz. Um pedaço de carne molhado, sem identidade. Talvez seja a língua de um outro, um misterioso visitante escondido dos meus olhos até a hora em que o álcool me tornasse dócil o suficiente para aceitá-lo. Sim, é duro sentir sob os pés a jornada dupla do planeta: girar ao redor do sol e carregar o meu vazio simultaneamente. Clamo em surdina. Sim, pode vir, amigo, o sal do meu suor salgou um pouco o vinho, mas o efeito é o mesmo, garanto, todos podem vir tomar abrigo no meu peito vazio, hospedo todos os extraviados, os que recusaram as prisões e algemas do bom senso, os que querem experimentar os limites da liberdade, pois ela é cruel. Sim, e violenta e bela e esconde o verdadeiro limite que é o da

vida. Venha, amigo. Visitante misterioso com sua língua embebida em febre, nós te saudamos com nossa loucura e nossa ausência de cada dia. No vazio sempre se pode meditar, afirma Simon, tesoura afiada em meu pensamento. Não, meu chapa, eu não estou interessado em porra de meditação. Foi o fogo quem me gerou, sou contínuo, intenso, vivo em movimento, não encontraria conforto algum vislumbrando nadas e vazios, arrotando o silêncio de Deus. E por falar nisso, não é ele ali na sacada? Não é o criador sentado feito esfinge a nos observar? É apenas Roxane, a minha gata, diz Laila. De todos os deuses talvez ela seja a mais preguiçosa e indolente. Me levanto e rastejo na direção daquele acolchoado Jeová, ela se espreguiça e lambe suas patas felpudas. Ivan, você está nu! Eu não ligo e Jeová parece não ligar também, estamos todos numa boa, não vê? Aquela senhora na janela em frente fez o sinal da cruz. Sim, estamos todos abençoados a partir de agora, vem cá, Deus, deixa eu sentir seu pelo divino e amarelo, roça a minha carne crua de homem que vai esfarelar, cuspa uma bolota de pelos que contenha dentro toda a explicação do universo. Todas as noites eu colocarei um prato de leite em teu altar e rezarei. Mas Deus mia de forma agourenta e se desvencilha num mau humor de eras, esvaziando o meu abraço febril e desaparecendo no rumo da cozinha. Laila se contorce em risadas no sofá vermelho, Simon fuma sentado no tapete resmungando, é isso aí, a noite mal

começou e já endeusamos a gata, qual será o próximo passo? Imolar ratos para que nossas colheitas sejam prósperas? Ivan, sai já da varanda, você tá pelado, grita Laila. Eu abro os braços pro céu noturno. Que é a nudez? Por que ela fere o outro? Não deveria antes ferir a mim? Ouço protestos e aplausos vindos das janelas em volta, algumas estão em festa e flashes espocam na minha cara. Todos querem minha alma, mas ninguém quer ocupar a casa vazia em meu peito. Os dois me abraçam e me arrastam até o tapete. Nos mordemos e nos beliscamos, minha pele é página riscada, lanhada, rascunho de vontades. Somos três crianças risonhas abandonadas por um deus-gato em um mundo de cães e ratos e somos a dolorosa ponte entre as duas espécies. Meus dedos afundam nos cachos de Simon enquanto a voz de Laila, tão felina quanto a de Roxane, desfia as notas de um blues e acalenta nossos corações. Posso sentir o silêncio por trás do canto, a respiração dela vai abrindo funduras entre um verso e outro, tocamos com o ouvido o primeiro dia da humanidade; Laila ronrona. Sim, sua voz está no cio, rouquidão na medida certa, no fim do abismo de sua garganta um úmido e ardente desejo submerge como uma promessa. Prometemos enquanto cantamos, mas o quê? Esse é o problema... Sussurra Simon, ninguém sabe, é por isso que esperamos que algo se cumpra. Esvazio a garrafa de vinho, lá fora alguém canta parabéns, uma das janelas que vaiou ou

aplaudiu a minha carne exposta, sei lá. Roxane sobe em meu peito, se aninha e dorme. Deus veio habitar a minha casa vazia. Laila ri, gatos não esperam nada, deve ser por isso que são sábios. Deve ser por isso que são divinos, eu completo unindo a palma da minha mão à de Laila. Agora é meio tarde pra ronronar e cuspir bolas de pelo, meu caro, o jeito é continuarmos isso que já começou. Sim, doer e gozar humanamente ainda é nosso destino e não será pedindo misericórdia a um deus-gato que a direção de nossas vidas vai ser apontada. Vocês ainda estão nessa? Resmungo Simon semiacordado. Laila diz que vai jogar um balde de água fria no primeiro que dormir, Simon boceja despreocupado e diz que se ela dormir primeiro ele vai colocar em seus cabelos a aranha que se alojou em baixo da pia do banheiro. Você precisa matar aquilo, diz Laila sacudindo meu pulso. Já que o Simon fica nessa coisa budista de não matar nenhum bichinho vivo, ora faça-me o favor, aquela coisa cheia de pernas... Vem, Ivan, a gata desperta e abandona o meu peito. Olha aí o que você fez, expulsou o deus do Ivan, ironiza Simon. Sou modelo de bunda, não matador de aranhas, respondo sorrindo. Laila fica possessa, antes de ser modelo de bunda você é meu melhor amigo e vai matar aquela coisa em nome da nossa amizade e do pacto de sangue que fizemos aos dez anos, lembra? Puta-que-o-pariu, cês fizeram um pacto de sangue? A voz debochada de Simon fica pra trás enquanto Laila me

empurra na direção do banheiro, não encontramos nada além de uma teia com a carcaça seca de um inseto recém-devorado. Laila pragueja entre os dentes, maldita! Quando arranjo alguém pra te esmagar, você some! Deve ser culpa minha, eu respondo, as coisas e pessoas andam sumindo da minha vida ultimamente... A campanha toca. Pizzaaaaa! Grita Simon. Nós dois gargalhamos. Laila vai atender a porta e eu tiro o cheiro de vinho da minha barba mergulhando a cara na pia. A aranha está no espelho se sentindo dupla, é pequena e parece frágil com suas patas finas, torço para que um dia mulher e aracnídeo façam as pazes, o cheiro de pizza deixa um rastro de estômagos famintos, ouço barulhos vindos da cozinha, Laila e Simon me chamam. No corredor quase tropeço em Deus, será que o criador gosta de pizza? Mistérios do divino. Ainda há vinho? Pizza sem vinho é sacrilégio, diz Simon. Periga nos afogarmos nessa merda, responde Laila abrindo mais uma garrafa com um saca-rolhas. Você tirou isso de que filme? Laila reflete por um momento e quase faz a minha taça transbordar. Acho que é de *Little Ashes*, querido, alguma coisa sobre viverem tomando chá, responde Laila, um puta filme chato. Depois da pizza, evoluímos do vinho para a caça de Paraty que eu tinha levado, sentamos no tapete enquanto uma chuva inesperada se mistura aos sambas que Laila põe pra tocar em seu computador; é... periga mesmo nos afogarmos nessa merda, diz Simon

embriagado. Observo meu reflexo no espelho de moldura dourada, o beijo de Laila não passa agora de uma mancha vermelha na minha nádega esquerda, visto minha cueca e camiseta, a chuva faz a temperatura cair um pouco, mas a cachaça esquentava o peito, esse peito vazio que nem deuses-gatos ou meninos-demônios foram capazes de preencher. Laila pousa a cabeça no colo de Simon. É sempre bom quando você vem, ela me diz. Um trovão faz sua voz desaparecer na noite, a sala parece ilhada do resto do mundo com seus abajures de luz morna escorrida nos cantos das paredes. E se chover pra sempre? Suportaríamos nossa amizade por toda a eternidade? Às vezes eu penso que é por sermos mortais que amamos tão intensamente, sabe, e não só o amor, mas também o ódio. Seria tedioso odiar por toda a eternidade, vocês não acham? Eu e Simon erguemos nossos copos de cachaça em resposta, sim, amar pra sempre o cacete! Laila nos acusa de trogloditismo ébrio, se levanta e começa a sambar com seu corpo grande e desajeitado, me puxa pelo pulso e quando me dou conta estamos os três abrindo espaço para que o nosso samba aflore em meio à noite chuvosa. Nossos pés afastam livros, móveis e almofadas espalhados pelo chão, destravamos o tráfego da nossa dança, um clarão rasga nossa vista e de repente o breu e o silêncio entram em nossas gargantas, puta merda! Laila surta pela casa puxando as tomadas dos eletrodomésticos, Simon vai até a cozinha

procurar velas, não se acha nada nessa merda... eu vou até a varanda ver se foi um raio que atingiu algum poste, lá embaixo a escuridão me engolfa, vez ou outra é riscada pelo farol de um carro. Simon volta com as velas ardendo nos pires, voltamos ao nosso tapete jangada, cobertores nas costas, passamos de mão em mão e de gargalo em gargalo a garrafa de cachaça agora quase esvaziada. Perigo nos afogarmos nessa merda de chuva, digo, tentando reciclar o fatalismo cinematográfico da noite, na escuridão não sei se a minha frase surte efeito ou não, o mundo se reconstrói e passa a ter um outro sentido agora que não há luz. Novos significados brotam do silêncio e me pergunto como seremos capazes de interpretá-los se vivemos no claro. Parece também não haver o tempo. Peço a Laila que volte a cantar aquele blues ferino, mas ela já se transmutou em trapezista, oscilando na corda bamba entre embriaguez e sono e apenas resmunga farrapos ininteligíveis de palavras. Os olhos azuis de Simon abrigam o reflexo vacilante da vela, a penugem cor de trigo de seus braços resplandece, como que tomando vida própria e parece se eriçar sob a luz do fogo. Ao seu lado, o acordeom recebe outro manto de reflexos em chamas, a mudez de um instrumento musical em descanso é assustadora, tento dizer isso, mas desisto de perturbar a paz inesperada e autoritariamente instalada entre nossas almas agitadas de sexta-feira à noite. Fico pensando que, envolvidos por

esse repentino cobertor de calma, talvez estejamos experimentando o estado de espírito dos felinos e mesmo que ainda haja um fio de esperança, a volta da energia elétrica, no caso, ainda assim, isso é o mais próximo do olhar e dos gestos indiferentes dos gatos que jamais chegaremos a ter. A última vela aquece o silêncio, não há mais chuva, apenas goteiras que, imitando o gesto dos que ficam pra trás, se atiram. Quem sabe tentando transformar esse último impulso numa espécie de mensagem. O vazio em meu peito se alastra e engole a todos enquanto me pergunto: qual de nós será o primeiro a dormir... sem baldes d'água ou aranhas nos cabelos, o sono, penso comigo, é o único que pode nos pregar uma peça.

7

Antes eu cuspia todos os meus incêndios na cara do mundo, agora Marta é um corpo frio e sem vida. A massa de ar quente devora todas as coroas de flores depositadas ao redor. Entro sozinho, embora haja uma corja de... de... ah, de que adiantaria nomeá-los? Há uma carona me esperando do outro lado da rua. Laila e Simon flanando: cigarros e latas de cerveja no banco de trás. Orgulhosos por destoarem entre os carros de luxo. Me esperem aqui, eu já volto. Um baseado sendo enrolado por Laila com maestria, essa espécie de habilidade calma que só quem bola desde os doze anos consegue ter. Vai lá, querido. Um samba triste uivando nos alto-falantes. Cartola? Que falta de respeito, uma velhota passou bufando. Mas tudo isso ficou lá, do outro lado da rua, do outro lado da tarde, do outro lado da vida, ou seria da morte? Antes que percebam a minha presença tento chegar à borda do caixão. Ouço o meu próprio arfar, eu-cão-leproso portador de memórias em carne viva, em breve todos despertarão e sentirão a minha ira, amém. As flores apodrecidas, o luto esturricando sob o sol. Sou atraído em sua direção, Marta. Atraído não, sugado, como se a ausência de espírito gerasse em seu corpo uma espécie de buraco negro, fa-

minto, apenas a mim essa força pretende arrastar. Seus braços alvos estão cruzados sobre o peito, uma expressão de alívio após tantos meses de doença incurável, tão mais jovem agora, tão mais... viva? Isso é tudo o que consigo ver. Sou reconhecido, não é pra menos, um alvo pintado em vermelho no meio da testa seria mais discreto. Sim, sou o único iluminado neste recinto. Olha lá o desgraçado, me batizam com um verbo cheio de espuma raivosa, eu-cão-leproso, pingando suor, eu que não ousei nomeá-los, mais vivo do que todos vocês juntos, seus filhos da puta. Também Marta parece mais viva agora, sussurro, e não sei como explicar isso, apenas sinto e balanço discretamente a cabeça como se afirmasse uma verdade universal. Na beirada oposta do caixaõ vejo Gabriel, o amigo mais próximo de Ravi. Ele crava em minhas mãos um olhar de dura compreensão. Sim, ele também sabe, mais viva agora, Gabs, sussurro, ele me encoraja. Sim, vocês todos, seus cretinos, pensam que está tudo acabado? Que ela está morta e em breve será enterrada e esquecida? Olhares chocados acordam de um torpor. Se enganam, bando de cuzões, se enganam redondamente, Marta está viva. Alguns torcem os rostos constrangidos, desdenhosos. Viva, outros fazem o sinal da cruz, outros se armam com as armas que têm, mas ninguém aqui pode roubar o meu brilho. Estou protegido por trás da armação dos óculos escuros, aqueles que Ravi sempre pegou sem pedir. Gabriel bai-

xa os olhos e sorri discretamente, engole palavras que queria ter escarrado na cara de todos. Algo se rasga, tecido. Agora vem o primeiro puxão em minha jaqueta pesada de suor. Ninguém previu um dia tão quente, ninguém previu um cão leproso lambendo a ferida que nunca vai cicatrizar, ninguém previu que ela ficasse mais bonita assim, sem o ar de chumbo lhe esmagando os pulmões. Me ensina, Santa Marta, a botar pra fora o que me devora o peito. Antes eu não tinha que lidar com essa azia, lâmina atravessando a garganta, me ensina, santinha. Outro rasgo, outro puxão, o par de óculos cai no chão e se parte em dois. Sem proteção, agora eles podem me atingir. O que você está fazendo aqui, desgraçado? Viro a cabeça na esperança de encontrar Ravi, amargo engano. Me cospem no olho esquerdo, desgraçado, eu? Distribuo socos para que não me tirem daqui. Eu-náufrago, tentando atingir a praia, braçadas inúteis num mar de vestes negras, daqui eu não saio, não sem antes encontrar entre cabeças cinzentas a penugem dourada do meu *boy*, quem sabe debruçado sobre o caixão de Marta, soluço arenoso e rosto inchado a confiar os últimos segredos de irmão. Tranque bem, Marta, e não deixe que os vermes devorem. Quem sabe consolando a ferida aberta da mãe... quem sabe proferindo um discurso, palavras machucadas, palavras de amor, quem sabe, quem sabe, quem sabe, mas não é nada disso. O que vejo são abutres de cabelo escuro, a

quem tu puxou, Ravi? De onde vem esse *blonde hair* hollywoodiano tão fora de moda nos dias de hoje? Hein? resmungo em meio à espuma no canto da boca e lá vem um dos barbudos dos teus irmãos me mandar um de direita bem no meio da cara. Tira esse lixo daqui. Sim, e lá vem outro mandando uma cusparada que me atinge o pescoço, um fio de sangue invade o branco da minha camiseta. Tá fácil assim, com outros quatro marmanjos me segurando e com essa brasa me queimando o peito, acumulada e ácida. Sim, fica fácil. Eu só queria um tempo com Marta, saber se ela vai levar pro túmulo o teu paradeiro, Ravi, já que pelo jeito você não tá por aqui. Ou talvez nem saiba que a tua irmã está mais viva do que nunca no meio desses corvos-abutres com cara de chá e bolinhos. Eu só queria derramar uma pergunta em seus ouvidos, nada demais. Talvez eu precisasse levantar seu cabelo castanho, o que escandalizaria os teus familiares todos, mas seria só por um segundo, só até que Marta me desse uma direção. Talvez Gabriel me ajudasse e aí tudo ficaria mais fácil. Sim, mas eles não facilitam, os malditos. O chão de mármore se transforma em chão de cimento crespo, estou de cabeça baixa, essa é a minha única visão, porco fuçando o solo. Sou arrastado e atirado na calçada do outro lado da rua, esmago algumas folhas secas com o peso do meu corpo. Um chute impresso nas costelas, o ar escapa de uma vez e o pulmão se enche de dor. Sim,

inspirar e expirar esse vácuo gelado, tossir o pó dos ossos fraturados. Não consigo levantar a cabeça pra ver a cara do cretino. Ravi tem o mesmo tanto de irmãos quanto essa cidade tem de filhos da puta. Passos se afastam, estalidos, mais folhas esmagadas. Agora são outras as mãos que me erguem, bonachonas, elas têm sotaque, as mãos, eu juro que posso ouvi-las arrastando as palavras num ritmo diferente dos daqui. Moço, o sinhô tá bem? Sim, sim, obrigado. A dona que morreu era namorada do sinhô, era? Tem família que num aceita, fazê o quê. Laila e Simon me socorrem do tiozinho solícito. Agora um muro, onde me encostam. Do outro lado da rua passa um sorveteiro empurrando seu carrinho ladeira acima, penso que são raros hoje em dia os sorveteiros, ou sei lá, não ando prestando muita atenção nessas coisas. De qualquer forma, sorveteiros e velórios são situações difíceis de digerir quando costuradas num mesmo bordado de fim de tarde. O sorvete gelado dói nos dentes e desce rasgando, as mortes geladas doem mais fundo. O sol na calçada fere a vista, os óculos escuros partidos lá dentro, nunca mais Ravi vai poder roubá-los de mim. Nunca mais vai me esperar no parque em frente ao meu trabalho, nunca mais vou vê-lo através da vitrine da academia, sempre me esperando, usando o meu par de óculos escuros e aquela regata de marinheiro que deixa ele tão... nunca mais. Sem proteção, Ravi, nós dois. Eles me cuspiram

o olho esquerdo, desgraçados. Laila puxa um trinco. Vem cá, Ivan, e quando percebo já estou deitado no banco de trás. Abro caminho entre latas de cerveja. O cheiro e a essência fantasmagórica de trocentos baseados consumidos ao longo dos anos paira no ar maldormento do carro. Calor, calor e meus incêndios todos guardados, até quando? É mais difícil do que se imagina, botar isso pra fora. Tudo vai ficar bem, diz Laila, um susto lhe congela a cara, penso que é por causa da sua frase chula de incentivo, digna de autoajuda, mas não. Ela acena a cabeça para algo além de mim. Uma menina na janela, aparição repentina a nos lembrar que há revelações e assombros que nem mesmo uma tarde quente é capaz de dissipar. Ela estica um braço com um copo d'água em minha direção, somos o tempo suspenso antes que algo seja dito. Ficamos nos fitando, como que tentando decidir quem é a alucinação de quem até que ela resolve quebrar o gelo da cena. Toma, moço, foi meu pai quem mandou. Olho além de seu cabelo e vejo o tiozinho solícito acenando da porta de um boteco, as mãos com sotaque. Outros dois curiosos no balcão com suas doses de cachaça e o pedaço de uma mesa de bilhar enquadrada pela porta. Viro o copo cheio, eu-animal-escuro, cão leproso rachando de sede, engolidor de rios, peste das matas, demônio que destrói as plantações. A água desce pela garganta e apaga a brasa viva, escorre pela barba, queixo, desco-

lore o sangue na camiseta, descolore a alma suja de vida. Tudo tão inundado que me dissolvo e sinto saudades de mim. Devolvo o copo vazio. Obrigado. A menina sorri um sorriso esburacado com dentes novos despontando na gengiva. Volta aos pulos para a porta do boteco. Laila me enquadra com sua câmera e dispara. Sempre rouba meus instantes puros, a puta, os mais raros e mal aproveitados, os mais extasiados, os que nem sinto chegar e que, quando partem, me deixam desolado. Apoio a cabeça em sua bolsa e desejo um sonho limpo. Sorveteiros e balões coloridos, quem sabe... com esse cheiro de maconha talvez eu chegue lá, talvez eu realmente adormeça embalado pelo marulhar da cerveja dentro das latas próximas ao meu ouvido. Simon começa a acompanhar a letra de um samba, embroma qualquer coisa, pois não sabe a letra. É Cartola? Eu não sei dizer, eles estão ouvindo isso há dias. Nunca me meto em brisas conjugais, vielas e becos sem mapas, enfim, eu só queria a rota de Ravi, o olho começa a pesar sob a tarde abafada. Talvez seja tempo de sonhar, só preciso que esse carro rode e rode por aí, sem destino, sem nunca parar, atravessasse desertos, beiras de mar e estradas de terra até despencar num abismo maior que qualquer sonho. Deitado, olhos no teto do carro, céu sujo ardendo, armadilhas de sol cintilando, um raio de luz me cega, topos de prédios, fios, árvores sem poda. De repente, um túnel, tudo escurece,

o ar fica preso, o ouvido entope, um útero de concreto nos engole, risos de Laila, palavrões de Simon, o pneu passa por cima de alguma coisa, as latas de cerveja se chocam ao lado da minha cabeça, estalidos de alumínio, o líquido dentro delas já deve estar fervendo, espumoso, a fumaça do cigarro de Laila invade o banco de trás, fica uma nuvem de nicotina pairando sobre minha cabeça, afundo mais no banco. Vou até onde for possível, sempre queimando, numa combustão de agoras, numa esquina qualquer, intensidade perigosa do presente, amém. Como uma grande onda sobre nossas cabeças. Uma orquestra de buzinas nos atinge e em poucos minutos estamos engarrafados no meio da marginal esturricada. Ao longe, bandeiras e faixas. Gritos de ordem amplificados por megafones. Uma manifestação atravessa as chamas da tarde. Motos passam quase arrancando o retrovisor. Simon xinga, Laila gargalha e apoia tarantinamente os pés no painel do carro. Estamos todos fodidos, meu bem, ela graceja, não adianta protestar, despertar os cães, pra quê? Olha ali, do outro lado, lá vem o gás lacrimogênio e as balas de borracha... Simon pragueja, quer encontrar um desvio. Em todas as direções filas de veículos nos bloqueiam. Minha boca seca, não adianta recorrer à cerveja quente. Lembro-me do copo cheio que a menina me oferecera há pouco, nem parece que meu corpo ingeriu qualquer líquido. Sigo um esfarelado existir, preso num

engarrafamento na tarde mais quente da história. E o que é pior, com um incêndio preso na garganta; penso em Marta naquela sala de velório com ar condicionado. Sim, ela está mais viva que eu.

8

Areia nos chinelos, no capacho, areia delineando o formato dos pés, a brisa leve desmanchando o desenho dos passos. Areia nos lençóis brancos inchados de luz solar, amarfanhados em repouso, exalando o hálito do corpo. Uma prancha de surf atravessada no caminho do banheiro, uma fileira de formigas na parede. O chalé com ar-condicionado enguiçado, só funcionava quando a moça da recepção vinha ligá-lo apertando o mesmo botão que havíamos cansado de apertar. Nuvens gordas de mosquitos atraídos pelo calor de nossos corpos. Nudez em repouso. Ele e eu, mãos dadas após o sexo, o suor fazendo grudar os pelos do meu braço nos pelos do braço dele, nossas respirações se fundindo, por fim até a pele dos nossos pensamentos parecia emaranhada naquela eternidade insalubre de quarenta graus. Essa cueca é minha ou tua? Boiavam no ar as perguntas e os diálogos que qualquer casal típico e com anos de estrada travaria em sua intimidade conjugal, mas no fundo eram apenas cinco dias de férias. O sacrifício em conseguir arrancar aqueles dias do ciclo de perturbações rotineiras. E o meu par de óculos escuros que você pegou ontem, sabe onde estão? Lembra como nosso peso e nossa medida faziam ranger a cama,

Ravi? Nas noites mais intensas cada tábua do chalé gemia fustigada, sob a virilidade de nossos mil corpos, mil braços, olhos que fitavam os olhos de dentro que fitavam os olhos mais profundamente enterrados em nosso interior. A marijuana que queimávamos aos montes confundida com teus incensos importados. Quase colocamos fogo naquelas quatro paredes com nossa febre, manto purpúreo, colarinho torcido. E essa lembrança, vai você usar? É minha ou tua? Guardo na mala, por via das dúvidas... Lembro dos teus arranjos e esquemas para que a tua câmera nos fotografasse em momentos descontraídos, você andava inspirado em Richard Reinaldi, que se fotografou com o namorado em quartos de hotéis pelo mundo durante treze anos. Não nos perguntávamos se permaneceríamos tanto tempo juntos, mas é claro que cada clique em sua Nikon encerrava dúvidas e fios soltos acerca do destino da nossa relação. Sim, viajar juntos pelo mundo. Você, louco por Veneza, sempre me incluindo na rota dos canais, gôndolas e bailes de máscaras, sempre enchendo a minha taça de vinho e me embebedando em alguma cantina italiana, sempre me acordando em algum leito de hotel barato em que se podia ouvir, vindas de fora as conversas das matronas gritando fofocas de uma janela para outra como se estivessem na intimidade de uma cozinha ou sala de estar. Enfim, planos e sonhos que se enroscavam e se embebiavam naquela realidade em férias que já era uma espé-

cie de sonho acordado. Todas aquelas fotos, depois de reveladas, espalhadas em cima da cama. Numa delas eu podia ver metade do meu corpo nu, o enquadramento me partindo em dois, flagrado pela porta entreaberta do banheiro, estou me barbeando, dá pra ver no reflexo do espelho o meu rosto coberto de espuma, em primeiro plano te vejo sentado na cama passando repelente no corpo vermelho, cicatrizes solares, o cabelo queimado, pele arenosa, como se uma brisa pudesse te desmanchar; em outra foto, posamos convencionalmente: eu sentado na poltrona verde do chalé e você no meu colo, estamos vestidos pra sair, camisas de flanela, cabelos recém-lavados e penteados, você deixou crescer um bigode *hipster* e comprou uma cera especial para moldá-lo, levantou as pontas, em estilo retrô, atrás de nós a janela aberta, cortinas balançando na brisa noturna. Em uma terceira foto, eu estou largado na cama zapeando, apenas o reflexo da TV ligada ilumina o meu corpo, o volume do meu sexo em repouso se destaca na luz elétrica, você está sentado no chão, com as costas apoiadas na cama cortando as unhas dos pés. Há também os cliques eróticos. Nossos corpos nus entrelaçados na desordem dos lençóis, a cabeceira lotada de garrafas vazias de cerveja e pontas de maconha no cinzeiro, a luz da manhã estourando os contornos da fotografia, um tom etéreo, esbranquiçado, como se estivéssemos prestes a nos dissolver em nossa união carnal. Outra foto nossa

no banho, você ensaboa minhas costas e está com uma leve ereção envolta num colarinho branco de espuma de sabonete, meus braços em movimento esfregam o peito e se convertem em borrões. Na única foto em que me vejo só, estou cuspiendo o creme dental na pia do banheiro, um fio de sangue, lembro de um início de gengivite naqueles dias, os músculos das minhas costas estão rígidos e bem desenhados pela luz que entra pela janela, pareço um bicho solitário e arisco iniciando sua rotina nas estepes sem saber que está sendo capturado pelas lentes de algum documentarista da vida animal. Por algum motivo havia uma distância entre a realidade congelada daquelas fotos e a realidade fluída que vivemos naquela ilha ensolarada, é como se tivéssemos vivido duplamente o curso dos dias, dupla rotina, dupla aventura, duplas noites, dois rios num único curso, um por dentro e outro por fora do corpo do navegante, sei lá. À noite a maré subia, abocanhava a entrada do bar onde costumávamos dividir caipirinhas e porções de camarão, a faixa de areia desaparecia e as ondas vinham rebentar a poucos metros da nossa mesa. Na varanda suspensa, o mar passava por baixo dos nossos pés, apodrecendo as fundações, nos fazendo cócegas espumantes entre as frestas das tábuas úmidas e você sempre era convidado pela cantora do bar a entoar todos aqueles velhos sambas que você sabia de cor, tudo numa aura bêbada, tua voz um pouco rouca de álcool arran-

cava aplausos fervorosos dos casaizinhos héteros e famílias em férias. Depois, como que num tom insolente você vinha sambando e me tascava um beijo de língua, sempre com a força de mil bocas, sugando a saliva do meu corpo, todas as tuas línguas me invadindo, teus dentes me devorando a carne dos lábios. Eu sempre temendo uma represália, afinal estávamos num fim de mundo, paradisíaco, mas fim de mundo. Mas fora uma ou outra cara feia, teatro barato de expressões padronizadas, uma ou outra mãe horrorizada tapando os olhos dos filhinhos que não podiam ver aquela pouca vergonha sob o risco de pegar viadagem, fora isso, ninguém nos incomodava e voltávamos pelos caminhos de terra estreitos e escuros rumo ao chalé. Não havia postes de iluminação, nossas lanternas sempre falhavam antes de chegarmos e fazíamos algum estardalhaço ao abrir a porta. De manhã você ficava na cama escrevendo em seu diário enquanto eu ia correr na praia. Sempre ajudava os pescadores a puxar redes, desemborcar canoas, dava uns mergulhos e tomava água de coco. No terceiro amanhecer, parecia mesmo que os meus dias tinham sido sempre assim, um viver de pés descalços, sentindo os grãos finos de areia na casca dura da sola do pé, o disco solar pousado solenemente no azul do céu, o marulhar constante das ondas lançando notas concêntricas em meus vazios, se tornando parte de mim, como as batidas em meu peito, tudo como se fosse um sempre.

Cumprimentava as caras conhecidas, afagava cães vadios, passava no mercadinho para recarregar a remessa de cerveja em nosso frigobar. Eu-Ivan, caiçara, senhor da faixa de areia. Tu-Ravi, filho do sol, descido a terra para me desposar; quarenta e dois graus na sombra, alucinações são normais nessa época do ano. Calma, rapaz, molhe as têmporas com água fria que isso passa. Não, senhor, isso não vai passar, a minha alucinação é de carne e osso e neste momento repousa sua existência bronzeada numa rede na varanda do chalé, livro aberto sobre o peito, cochila sob o efeito de um mojito pela metade, as formigas avançam, escalam o copo e se embebedam, o vento traz acordes de violão e alguém desafina o refrão de “Que País é Este”. Puxemos as redes, desemborquemos canoas, mergulhemos antes que tudo se desvaneça e só me reste esse amargo travo na língua, esse que tem o gosto da tua ausência, Ravi. Sem as nossas noites na varanda daquele bar com o dorso da maré roçando nossos pés, ou as madrugadas em que nos embrenhávamos no coração da ilha e íamos parar naquela taverna que um velho hippie montou dentro de uma gruta. Raul Seixas ecoando profético- misticamente dentro daquela solidez cavernosa, a bebida com vodca e mel. O filho do ripongo, um moreno recém-saído da adolescência, músculos promissores, nos servia doses que iam abrindo o caminho da noite, enquanto se abria em nós a pétala do desejo. Desejo de fisgá-lo da vista do

pai e realizarmos um *ménage à trois* que botaria de vez o nosso chalé abaixo. As investidas não surtiram nenhum efeito, e estávamos tão bonitos, uma cor saudável, nossas melhores roupas, nossos melhores sorrisos, tudo bem, seria um bônus na nossa viagem idílica naquela ilha que só ficava a vinte minutos da costa, mas que parecia tão distante do resto do mundo. Tecíamos a colcha do delírio, vamos morar aqui, sim, vamos raptar o filho do velho hippie, sim, vamos pescar os fios de ouro do sol, sim, sim, sim, e todos os sims não eram suficientes para encher nossas almas e satisfazer a nossa embriaguez. Talvez fosse a ilha o que nos entorpecia, mais do que os *shots* de vodca ou os baseados gigantes que queimávamos. Todo novo despertar ali nos integrava à realidade daquela pequena faixa de terra cercada de mar. A areia grudada em nossos corpos nos batizava, nos conferia o status de nativos, o bronze em nossa pele ficando cada vez mais natural era nosso passaporte. Eu beijava o ventre de Ravi, agradecido, uma lágrima escorria, se do meu olho ou do dele não fazia diferença, ele cravava os dedos no meu cabelo enquanto sua Nikon enquadrava nossa intimidade, programada para disparar sozinha. Formigas de asas voavam tontas ao redor da lâmpada. As chuvas tombavam majestosas sobre o telhado do chalé, trovões estrondavam dentro de nossos ossos e pareciam querer arrancar o chão de nossos pés. Fins de tarde regados a tédio olhando a tempestade pela

janela. Aqui, vem, deita no meu peito. E Ravi me inundava com seu choro convulso por uma ou duas horas seguidas, como se tivesse acabado de receber a notícia de uma morte, eu não estranhava nem me afligia, apenas lhe amparava com o meu silêncio de gruta. Lá fora até mesmo Deus passava a tarde toda derramando seu pranto sobre nossas cabeças. Sim, não havia com o que se preocupar. Ravi pegava no sono soluçando com a cara grudenta de suor e choro, meu peito ficava morno, inundado com aquele rio de melancolia. Quando acordava, seu corpo se tornava mais ágil, leve, um ir e vir vigoroso, um girar sobre os calcanhares, ria olhando na tela da câmera as fotos que não saíram boas. Aqui, a tua cara tá torta, olha só essa! Eu não tenho esse nariz enorme. Me dava beliscões, folheava livros, cantava no chuveiro, um cheiro de terra molhada invadia o chalé e eu sentia que Ravi tinha algo a ver com tudo aquilo. Ou talvez Deus, após seu choro-tempestade, também se sentisse mais leve e decidisse se perfumar; logo a noite fresca nos inspirava vontades cheias, as flores inundadas de água vergavam pesadas na janela. A natureza bafejava em nossa nuca enquanto nos barbeávamos e púnhamos nossa roupa nova para rodar pelos bares da ilha cantando sambas e perdendo lanternas na escuridão dos caminhos. Era uma rotina, mas não tinha cara de rotina, devia ser porque lavávamos a alma a cada entardecer de chuva, e Ravi molhava o meu peito com um pranto tão

puro que eu era incapaz de me sentir amargo, o seu sêmen me fortalecia e tenho certeza de que ele também se servia de partes do meu corpo, éramos a reserva de energia um do outro. Todas as manhãs a recepcionista nos sugeria trilhas e passeios ao farol. Nunca nos atraiu conhecê-lo, da janela podíamos avistá-lo, imponente e fálico sobre um grande bloco de rocha olhando o mar sem nunca entendê-lo. Não éramos os tipos de turistas convencionais, preferíamos o conforto do nosso ninho de madeira e lençóis durante o dia. Só saíamos à noite, assiduamente, pisando na escuridão com nossas gargalhadas queimadas de sol. Aqui nesta foto eu estou finalmente usando o par de óculos escuros que você tanto me rouba, vê, acho que estou de saída, provavelmente vou ao mercadinho porque estou com uma sacola no ombro, você está sacudindo a areia do lençol, o movimento faz a foto quase inteira parecer um borrão branco, acho que tínhamos discutido nesse dia, não me lembro bem o porquê. Como eu disse, a realidade das fotografias sempre parece destoar da alucinação consciente que vivenciamos naqueles dias. Não dá pra saber se a lembrança que tenho é real ou é uma construção da minha memória, sempre acredito que toda a memória é traição, sempre criamos coisas que não aconteceram, metemos na boca das pessoas diálogos que nunca proferiram, por isso não sei se ouvi aquelas coisas desagradáveis da tua boca ou se estou delirando

apenas para equilibrar a verossimilhança das lembranças e não parecer que tudo foi perfeito demais em nossas férias. O fato é que naquele dia talvez eu tenha comprado mais cervejas, porque era necessário beber um pouco mais para digerir o que tive que engolir vindo de você, não importa, se bebi tanto era para esquecer mesmo, ou para não te quebrar a cara de moleque insolente e mimado. No outro dia, Marta chegou e nos viu felizes, dourados e sorridentes em nosso pequeno santuário de lençóis revolvidos. Estávamos de partida e ela ficaria na ilha, no mesmo chalé. Em troca, Ravi assumiria o seu posto no escritório da família, um rodízio. Ela adorou as fotos e incentivou Ravi a continuar com os cliques em futuras viagens. No trapiche, uns cães sonolentos espantavam moscas mexendo o rabo e as orelhas. Embarcamos sentindo o sal do mar nos lábios. Embarcamos sentindo o sal da despedida na alma. Ravi me olhava de um jeito profundo, como que implorando por mais uns dias naquele lugar. Sim, Ravi, o que sentimos um pelo outro nunca foi tão intenso quanto aqui, nos exercemos em completude, em extensão, fomos até o limite, a corda esticada ao máximo, é difícil agora retraindo, voltar a incorporar nossa ilha ao continente. Perder nossa identidade conjugal num manto de aparências, um assassinato, Ravi, um assassinato. Uma conspiração se armava no céu. Não, aquela chuva já não nos pertencia mais, pertenceria a Marta. O choro de Deus seria no colo

da tua irmã, Ravi. A nós só restava terminar de bater a areia dos sapatos e deixar que a nossa pele perdesse aos poucos a memória daquele tom dourado e profano.

9

○ senhor deve achar que com essas mãos trêmulas meu ofício se torna penoso, mas olha, estou cortando cabelo melhor do que quando tinha o pulso firme. Celestina pigarreia e aproxima a lâmina oscilante do lado direito da minha têmpora, suas veias são grossas e escuras, um rádio chiando tosse insetos sonoros, quase inventa um novo idioma. Convulsões políticas, comerciais, música sertaneja. O recinto é tão branco que meus olhos se sentem agredidos, a lâmina escanhoa a minha pele, o tédio escanhoa a minha alma. Celestina-dedos- trêmulos vai fazendo seu trabalho de artesã, sem pressa. Não sou desses que perde a força quando lhe cortam os cabelos, mas confesso que me sinto fraco, um cansaço que provém de tanto olhar a minha própria cara no espelho gigante. Fios do meu cabelo se juntam aos de outros clientes, anônimos, texturas e cores diferentes, alguns flutuam no ar, perdidos para sempre das cabeças de origem. Vai mal, esse país, tosse, vai muito mal, pigarreia, borrifa água na minha nuca, a lâmina trêmula desenha o pezinho e deixa a pele levemente irritada. De costas para nós o outro cabeleireiro responde alguma coisa que se choca com o chiado do rádio. Prontinho, o espelho de mão oscila entre os

braços murchos de Celestina, de um lado a outro, mostrando a parte de trás da minha cabeça, aprovo o corte. O senhor vai querer lavar? Respondo que não precisa, moro a duas quadras. Ela sorri e recebe em suas mãos trêmulas o dinheiro amarfanhado do meu bolso. Faço correr a porta de vidro, um corpo esbarra no meu, Mateus. Nos cumprimentamos. Eu achei que fosse o dia da tua folga, ele responde que não, jeito tímido, tinha ido comprar cigarros. Seu eu soubesse teria esperado pra cortar o cabelo com você. Ele sorri. Fica pra próxima, sim, cabelo cresce rápido, sim, sim... o jeito com o qual seus dedos fortes seguraram a minha cabeça enquanto a tesoura devorava meu cabelo, estalidos finos, a pele negra reluzindo no espelho, uma gota de suor brilhando, nosso desejo refreado pela barreira cliente-cabeleireiro, vontades nunca declaradas, olhares que se esbarram e se desculpam, profissionais, no reflexo do espelho. Só cortei o cabelo uma vez com Mateus, mas foi o suficiente pra convidá-lo para uma cerveja. Sim, claro, podemos sair, uma hora dessas... quem sabe... o encontro nunca se concretizou. Se tivesse tido a sorte de encontrá-lo em lugar da Celestina de dedos trêmulos, mas tudo bem. Cabelo cresce rápido, sim, sim. Uma chuva fina apazigua as cores da cidade, atravesso a rota dos camelôs, sotaques diversos entoam cânticos destacando o valor de suas tralhas enquanto vigiam o entorno com olhos atrás da cabeça. A fiscalização sempre à espreita, enrolar a

mercadoria na lona e desaparecer na esquina mais próxima; as capas dos DVDs piratas exibem filmes pornô e últimos lançamentos hollywoodianos. Banca de jornal, três ou quatro, olhos grudados nas manchetes. 3 x 1, tem que cortar o técnico, assim não pode! Pombos e pessoas se abrigam dos pingos gelados sob o vão coberto da estação do metrô, jovens com pranchetas do Greenpeace tentam me abordar, finjo pressa. Não, não tô a fim de salvar baleias hoje, passar bem. Homens curvos enforcados pelo nó de suas gravatas chocam seus ombros cansados contra o meu. Uma mulher negra estirada no chão com a perna putrefata. Uma ajudinha, pu favô; duas crianças brincam com um cachorro ao seu lado, lhe dou a última nota amassada do fundo do meu bolso. Deus dê em dôbru, meu fio. O dobro de notas amassadas, minha senhora? O dobro de dias feitos de deriva e ausência? O teu dobro, Ravi, é o que eu não aceitaria, se fosse pra perdê-lo duas vezes, no final. Talvez o dobro de incêndios a me devorar... no apartamento, arranco o sono enferrujado das janelas, o vento estufa cortinas, explode na minha cara, o cheiro de lugar fechado se desprende das coisas. Entro no chuveiro pensando em trocar de pele, trocar de consciência, trocar de alma, deixar tudo descer pelo ralo, em espiral, junto com a sujeira, o sabão e os fios de cabelo soltos. De que adiantam sabedoria e paciência quando as mãos já estão trêmulas, hein, Celestina? O celular vibra, fazendo ressoar o tam-

po da mesa. Laila e Simon me enviam mensagens de áudio, orgias sonoras, barulhos de garrafas se chocando, risadas e música. Vem pra cá, Ivan! Pra eles quase tudo é motivo para tilintar taças cheias e brindar o curso dos acontecimentos. Quanto a mim, só posso erguer brindes aos desacontecimentos, como essa faixa de poeira branca no chão da sala, ou aquela teia de aranha na janela do banheiro. Um brinde aos dias abortados, ergo taças imaginárias no ar, um brinde ao encontro com Mateus que nunca se concretizou. Um brinde à lâmina trêmula de Celestina que não devorou a minha jugular. Um brinde às baleias que não salvei. Vão se dissolvendo, os não acontecimentos, na espuma de um champanhe imaginário, porém com um poder embriagante devastador, cambaleio pelo quarto, a toalha cai, tombo sobre o colchão, alguma coisa se partiu, a cama ou o meu corpo? O celular novamente, mais risadas. Fulano está aqui e exige a tua presença, vozes ao fundo, sai da toca, Ivan! De repente a diversão se torna uma ordem, cumprir agenda etílica, estar por dentro, estar *in* o tempo todo, não importa se o teu inventário de perdas rompeu e alagou todas as esferas da vida. Sim, alguma coisa se partiu. Enfio os jeans nas pernas ainda molhadas, desaconteço nas pregas da tarde, coro de vozes ecoa dentro da minha cabeça. De início, apenas um sussurro, uma enxaqueca, mas aos poucos vai tomando proporções maiores do que posso suportar, um grito abafado com a cara no tra-

vesseiro, o som vai inchando as veias, dilata os órgãos, vaza os olhos, queima a garganta e o estômago, me dissolvo em gritos, a turba rompe a coluna, faz rachar as paredes do corpo, abre o meu peito, invade os cômodos todos e foge pelas janelas abertas, brechas de portas, buracos de fechaduras e encanamentos... é como a água que escorre pelos dedos. Por fim, ouço a conta gotas, o soar quase inaudível e espaçado de uma tecla de piano, o quarto vai mergulhando na penumbra doce, desaconteço, o piano se esvai num desvanecer de fumaça de cigarro, restam ainda nas paredes e vãos os ecos do coro de vozes que explodiu em meu peito e ganhou as brechas do mundo, talvez denuncie minhas ausências em esquinas e avenidas, talvez dê as mãos a outras solidões e a outros não acontecimentos, talvez marque encontros que não ultrapassem o território das promessas, quarto lotado de possibilidades. Terminar de me vestir, as mãos tremem, tremem, Celestina! O que me destes que eu nunca havia pensado em procurar? Por que recebo o que não quero, por que me obrigam a isso? A campainha toca, abro, o porteiro deixou uma encomenda, a pequena caixa com endereço estrangeiro, custo a me lembrar de algo que devo, sim, recordar; giro sob os calcanhares, a sala escura me encara, bafeja na minha cara sua solidão de objetos guardados, empilhados, mudança nunca desfeita, a cabeça estala, recorda, dói. Nasce um acontecimento que brota da terra infértil dos meus dias, re-

cuo sentindo o gosto amargo da memória, o kit para cuidar da barba que Ravi havia encomendado pra mim, pensamos que tivesse se extraviado no caminho, arde, pulsa em minhas mãos despertando fantasmas. Abro a caixa sobre a cama, agora são minhas mãos que tremem ao dispor os objetos lado a lado: frasco de shampoo, vidro de óleo e uma latinha de cera para o bigode, nossas barbas roçariam macias uma na outra, instruções em inglês, cheiro de coisa cara, jardim úmido. Lembro da tarde em que Ravi fez a encomenda em seu notebook, estávamos na cama e ele reclamava das marcas que o meu pelo deixava em seu rosto, pescoço e costas. Eu sou feito de arestas que machucam, Ravi, não sou domesticável, nunca vou ter cheiro e maciez de rapaz britânico. Ele riu, sim, vai ter sim. Guardo tudo na caixa e atiro no cesto de lixo. Poderia ter dado ao porteiro, mas ele não tem barba. Também não quero ser atormentado pelo cheiro da barba de Ravi nos corredores e no hall de entrada do prédio, o peso do engano seria desastroso. Extraviou-se a encomenda, Ravi, perdeu-se num mar de indiferença. Voltam os desacontecimentos, voltam as infiltrações internas, o coro de vozes, os pianos-pêndulos, volta o veludo do sono, me aguardam do outro lado da garrafa de cerveja, vozes, risos. Sai da toca, Ivan! Eu não preciso que o celular toque mais uma vez, cumprir a agenda, onde diabos está a minha camiseta vermelha? No apartamento vizinho ouço uma voz empostada, pa-

rece um exercício, talvez um ator ensaiando seu texto, um locutor de rádio, não conheço meus vizinhos. Não distingo o conteúdo do que é proferido, tônicas explodem graves e agudas. Estou embaciado de vozes internas e externas e dentre todas as que me fugiram do peito e tomaram as esquinas, se misturando às vozes dos camelôs, dos homens apressados de terno e gravata e da mulher com a perna putrefata, nenhuma me disse nada que eu pudesse entender. Visto a camiseta amassada, entro nos sapatos que vão trilhar a carne da noite. Sair da toca. Abocanho uma maçã na fruteira, a mais vermelha, de um tom quase obscuro, porém doce. Uma vibração em meu bolso, a tela rachada do celular se ilumina, novas mensagens. Ravi sempre zombava do meu desleixo com as coisas, já deixei cair tanto esse celular que nem sei como ainda funciona, uma vez tive que sair catando as peças embaixo dos assentos do metrô, pedindo licença ao cordão de pernas e afastando sacolas. Sim, Ravi, a minha barba é dura e áspera, eu não sei dar nó em gravatas porque não costumo usá-las e o meu celular rachado me serve muito bem. É preciso que você entenda, há pessoas satisfeitas com seus traços grosseiros e seus costumes não sofisticados, nem tudo é seda e fragrância de rosas. Laila envia fotos de uma mesa cheia de bebidas e porções e pessoas com sorrisos embriagados. Conto pelo menos cinco rostos desconhecidos. Ela diz que não fala mais comigo se eu não der

sinal de vida, respondo que estou a caminho, ela me manda uma fileira de *smiles*. Há fulanos que querem me rever e sicranos aos quais serei apresentado. Vocês têm muito em comum, sim, já posso ouvi-la sussurrando na concha do meu ouvido, sorriso malicioso, antes de me fazer sentar ao lado de um dos seus amiguinhos. Alguns vão recusar beber pois leram um artigo sobre o envelhecimento precoce causado pela bebida, outros vão achar o serviço péssimo, cinco ou seis vão sair pra fumar na calçada a cada instante, fechando-se em um grupo à parte, regado a nicotina. Sei que dentre os amigos de Laila e Simon eu devo ser o que menos se parece com eles. Esse aspecto parece nos unir inexplicavelmente, sou a criatura exótica, como se pertencesse a um universo paralelo. Fico me perguntando se Ravi também me vê desse modo, a diferença é que Laila e Simon não querem que eu mude, a eles não agradaria se eu tentasse me parecer com a maioria dos seus amigos. Eu não preciso passar férias em Veneza, ou fazer intercâmbio em Washington, eis a diferença. A chuva fina permanece lambendo o dorso dos prédios, a pele do meu braço se arrepia, o homem que vende frutas em uma carroça na esquina me cumprimenta com um movimento de cabeça, a água da chuva escorre na pele das carambolas, maçãs, peras e uvas. A violência sonora da cidade trespassa o meu corpo, lâmina sedenta, o chão treme com a passagem do metrô embaixo dos meus pés, meus ór-

gãos trincam, quase dou meia-volta. A segurança do ninho, a toca aquecida e confortável, o cheiro de guardado. Não, não, nada disso, me recuso. Pode não ser tão fácil dessa vez, o coro de vozes pode voltar a explodir dentro de mim. Ou pior: posso ser incapaz de expurgá-lo, fazendo com que me apodreça por dentro, me envenene, seque minhas veias. Preciso tirar alguma força de dentro de mim, me superar, renascer, mas não sei como. Talvez o homem das frutas tenha a resposta, talvez eu consiga extrair da pele das maçãs e carambolas alguma espécie de substância cicatrizante, um bálsamo qualquer. A fachada do cabeleireiro surge diante dos meus olhos, através da porta de vidro posso ver Mateus, a maquininha incisiva abre clareiras no cabelo de um cliente. Posso adivinhar o som contínuo do motor ligado, mesmo sem ouvi-lo. Os traços fortes esculpidos no rosto de Mateus desenham um mistério que não alcanço, os olhos sempre vermelhos se alternam atentos entre a cabeça do cliente e o espelho. Ao redor do seu corpo posso sentir um halo silencioso. Grosso e pesado manto, que nem o estalido de suas tesouras seria capaz de cortar, a calça branca e apertada delinea os músculos das coxas, tenho vontade de tocá-lo, sentir a textura de sua pele quente, beber sua febre, o suor denso de seu peito, perturbar seu silêncio de eras com o meu coro desenfreado de vozes, ser a razão da vermelhidão em seus olhos insones. Mateus, eu quero te partir em pedaços, despeda-

çar teu sossego, cegar tuas tesouras, te deixar inválido e perdido nas dobras do desejo. Celestina cochila sentada em sua bancada, revista aberta sobre o colo. Nenhum dos dois me vê, parecem compor um quadro imperturbável, indiferentes ao mundo além da porta de vidro. Aqui, onde me encontro fora da moldura, tudo fere. Da pequena abertura da porta escapa o bafo quente dos secadores ligados. Sigo o meu caminho, desço as escadas sujas do metrô, saio de uma toca para entrar em outra, me dissolvo na água turva dos desacontecimentos.

10

Era preciso que eu o odiasse para que ele se fizesse carne. Por baixo do dorso das horas e madrugada adentro, realizei trabalho intenso. Nos inícios, uns coágulos de sangue. Depois, um par de membranas rubras, essas que exibo sobre os olhos. Eu tanto fiz, tanto desejei um ódio branco, insípido, saliva seca no canto da boca, eu tanto quis essa ferida purulenta na parede do estômago que aí está, agora, a se mover diante dos meus olhos, dentro do quarto. Acima de nossas cabeças o universo explode. Observo o respirar da concreta massa de carne e músculos, estatura pequena, aspecto frágil devido à pele branca demais. Posui em volta dos olhos uma borda negra de insônia que parece vir de nascença, aí talvez resida algum charme, um cansaço natural, um descaso diante do correr diário da humanidade por entre as vias da cidade-labirinto, ratos fugindo do navio que naufraga. Sinto vontade de bater sua cabeça contra a parede e eu sei que ele sabe disso e me provoca, bafejando à meia-luz, um desdém que parece umedecer o ar, roer os lençóis, respingar e engordurar os ladrilhos do banheiro e me deixar aturdido e com o peito formigando de raiva. Timbro a voz, susurro um mantra que vai aumentando, encorpendo, in-

chando as veias do silêncio, halo alaranjado, lanço no ar minhas mariposas negras, frases-farfalhar-de-asas: e se eu tivesse uma arma, você agiria assim? Hein, responde, seu filho da puta! E se eu te fizesse um rasgo de orelha a orelha, hein? Você me olharia assim, partido em dois, do alto dessa torre de merda? Tenho certeza que não, a tua coragem já esticou a corda ao máximo, está prestes a arrebentar, vê. Ele bate a minha porta no meio da madrugada, me aponta o dedo, risca um círculo de ódio no meu peito, bem aqui, onde queima essa lava incandescente, onde meus incêndios estão todos acumulados... tá desviando o rosto por quê? Anda, toca! Você não sabe o que é isso, a tua melancolia vem justamente da falta de tragédias, meu chapa, do excesso de cuidados e do tédio em que repousam os da tua posição social. Mas eu não vou entrar nisso, não. Deixemos isso de lado porque, como você vê, a minha miséria é o meu cartão de visitas, está escancarada nos cantos mofados desse edifício, o arquipélago mais sujo da cidade, está incrustada, a miséria, em cada vão vazio da casa, nos móveis velhos e distanciados deixando entrever a pintura gasta das paredes, na louça barata que se acumula em torres vacilantes sobre a pia. Pior, está na minha cara de traçado duro e nas minhas mãos grandes e ásperas. Se você entrou aqui e me apontou esse dedo, pra em seguida vir chorar no meu peito, se você aceitou que eu te arrastasse até o meu quarto e te despisse e te jogasse

na minha cama, se você deixou a miséria lambar a tua carne, sugar o teu sexo, te penetrar com ódio e verter sêmen no teu peito, então você já tinha aceitado o jogo desde o início. Sim, fora isso o que Ravi também havia escolhido quando vinha aqui. Ele me encara de modo vertical, como se esperasse a confirmação máxima, palpável, qualquer vestígio, mas ambos sabemos muito bem. Olha aí, o livro esquecido, largado pela metade, o único em que ele colocou um marcador na página onde parou, uma foto antiga, rasgada pela metade onde um homem louro posa com um violino no colo. Olha a cueca boxer: pequenas âncoras num fundo azul, essa eu nunca mais devolvi. Ravi também nunca perguntou por ela, deve ter sido proposital, afinal ninguém se esquece de vestir a cueca, por mais transcendental que o sexo tenha sido. Tem também meio frasco de gel que ele deixou no armário do banheiro. Tu precisava ver o tempo que ele gastava pra arrumar aquele cabelo, faísca louca a me eletrizar o corpo inteiro, ficava ali, na frente do espelhinho recompondo a cara pra se apresentar na frente dos seus, no escritório da família ou nos recitais de violino. Mas você já sabe de tudo isso e eu não quero aumentar essa sua cara de desdém com meu sentimentalismo, porque teu rosto é pequeno e essa expressão já tá no limite, bem como a sua coragem. Sim, eu sinto o cheiro de medo se aproximando, e me pergunto, e se eu tivesse uma porra duma arma, em quantos milhares de

pedaços essa tua máscara seria capaz de se despedaçar, hein? Engulo as últimas mariposas de palavras, a exaustão me silencia. A noite não passa de uma brisa a varar cortinas, o cheiro de chuva invade as narinas enquanto acendo um baseado. Estou deitado na cama e ele está sentado na beirada. A ponta dos meus dedos toca sua nádega direita, os pelos negros em seu peito são macios e revoltos, fuma de pernas cruzadas, sempre posando, como se um filtro em preto e branco nos enquadrasse nesse instante, tempo presente, feito de faíscas vermelhas de ódio. Vou até ele com a força dos mil corpos que despertam em meus músculos, vou até ele como se esse fosse o último gesto a ser feito antes que a chuva encubra o mundo lá fora, antes que as enchentes afoguem os ratos, engula os maus e os bons. Que ninguém se salve dessa porra. Vou até ele como quem dá nome à sede e corpo à fome sem nunca ter sofrido nenhuma das duas, e ri na cara de quem sente ambas, mas é incapaz de conceituá-las. Vou até ele com a minha mão aberta, dedos afundam nos cabelos lambuzados de gel, desfazem o topete à la Chet Baker. Puxo seu corpo esguio na minha direção, como quem move uma alavanca, ele cede tomado pela dor, a cabeça esticada na minha direção, o corpo, um arco tenso, as veias do pescoço saltam de medo, emergem estufadas, até a altura do peito, se perdem sob os pelos negros. Ele tenta agarrar a minha mão, solta o cigarro aceso em cima da cama, poderia ter

usado pra me queimar, mas o desespero o engasga, puxo sua cabeça até o meu colo. Ele me vê de ponta-cabeça, a raiva é um risco rubro em sua pele branca, tenho vontade de cuspir nele, o baseado deixou a minha boca seca, apago o cigarro dele caído no lençol, um anel negro de queimadura, antes o tecido vagabundo que a minha carne barata. Ele se debate e eu o agarro, fecho meus dois braços em torno do seu tronco frágil, a pele brilha sob a luz do abajur. Animalesco, ele cospe, se debate, a baba escorre da boca. Eu aperto mais, agora são mil braços em volta dele, produzimos sons ridículos no silêncio do quarto, arfamos, exaustos, fecho os olhos por um segundo, sumir, apagar-se. Quando os abro, um relâmpago explode no lado direito da minha cara, ele conseguiu pegar o cinzeiro de vidro na cabeceira, desgraçado, o barulho de coisa sólida rolando pra baixo da cama, a minha testa começando a sangrar, o olho direito se fecha inundado, o corpo pequeno se desvencilha do meu, me esmaga o saco quando apoia o peso do corpo sobre a mão para se levantar, uma dor que desconhece o verbo humano. Urros e gemidos bestiais me enchem a garganta. Nossa carne arranha uma à outra, um parto nos separarmos, uma briga de gatos pós-coito. É como se nunca tivéssemos nos separado, nascidos grudados, é como se fôssemos um só desde sempre. Um pedaço de rocha incandescente a flutuar no espaço, ardendo de ódio por si mesma, louca pra se chocar em algum corpo celeste

só pra se desfazer em milhões de pedaços, o alívio do esfarelamento. Agora ele está de pé, arfando, suor brilha nos pelos negros do peito, parece um lobinho. Sim, as orelhas levemente pontudas, a cara canina, um belo animal, apesar de tudo. Sim, raro. Ele sorri, sinto o bafo do declínio familiar exalando de seus poros. Raro e quase extinto, ele pega o cinzeiro e me ameaça. Eu tenho a pontaria perfeita, nem tenta se aproximar! A voz é a corda esticada do medo, sinto a fibra rompendo lentamente, será que ele já chorou alguma vez na vida? Digo, chorar de verdade, o ar fugindo do peito, a visão distorcida pelo pranto salgado e corrosivo, a sensação de que se está completamente sozinho e que o inverno está na porta, pronto pra congelar a sua solidão por completo. Acho que não, chorar é uma cerimônia, dentre as tantas que ele aprendeu nas aulas de etiqueta. Ele levanta o cinzeiro, ameaça atirá-lo, eu limpo o meu sangue com a ponta do lençol tranquilamente, sinto uma leve tontura. Não, não vai ser isso o que vai me fazer desmaiar, é preciso mais, muito mais. Lanço um grito que perfura o som contínuo da chuva. Ele se assusta, a fibra rompendo, aos poucos a corda vai ruindo, a membrana sobre meu olho ruindo, fibra por fibra. É preciso que eu te odeie para que você não desapareça. Entenda, nós poderíamos ter nos dado bem. Sim, amigos, se as coisas não tivessem tomado esse rumo. Lobinho, entenda, quem sabe até poderíamos ter ido além, você e Ravi dei-

tados no meu peito numa noite como essa, quem sabe. Com a mão livre ele recolhe a calça e a camiseta atiradas no chão do quarto. Fique aí onde está! Eu digo que não vou a lugar nenhum, meus mil braços estão em repouso, sou o monte de onde o sábio vê a loucura da humanidade. Ele abaixa a guarda e veste as calças, tenta se equilibrar numa perna só, veste a camiseta, por fim lança um olhar desolado pelo quarto. Os teus sapatos estão na sala, eu digo, ou penso que digo, sem encará-lo, observo meu sangue no lençol. Às vezes experimento a estranha sensação de não acreditar que eu seja feito de coisas tão complexas por dentro: órgãos, nervos, sangue, tudo funcionando sem que eu precise dar nenhuma ordem consciente. Me bate um vazio, algo intransmissível por palavras. Caminho na direção dele. Abaixa isso, lobinho, não vou te machucar. Ele hesita, vai descendo aos poucos o braço. A minha pontaria... não falha... Sim, eu sei, mas fica calmo. Meu semblante sereno vai aos poucos amenizando o medo nele, ondas concêntricas do meu lago lançadas em sua direção. A corda, que estava a ponto de estourar, agora relaxa, desfaz-se a tensão, estamos no centro do quarto, enquadrados por aquele maldito filtro em preto e branco. Um homem nu com um corte na testa e o outro vestido, pés descalços, com um cinzeiro de vidro na mão, ambos não sabem ao certo o que estão fazendo nessa que é a hora mais violenta da madrugada, a escuridão está prestes a parir um tem-

poral de proporções épicas. Eu sorrio como quem deseja a carne crua do outro, ele pega a minha mão, nossos dedos se entrelaçam, um cinzeiro cai e quase espatifa a noite, o barulho bojudo no chão de madeira enche nossos ouvidos, puxo o seu corpo em direção ao meu, enlaço o lobinho pela cintura estreita. Ele afunda a cabeça no meu peito, suas mãos tremem, dançamos sem música, ou talvez o vento e os trovões sejam um solo de Chet Baker direto do além, alguma coisa instiga, move nossos corpos, nos convida a rodar pelo quarto. O que você queria, lobinho? Sair daqui limpo, sem sujar essa carinha com um choro autêntico? Achou que era fácil assim? Ele soluça com a cara enterrada em minha carne, me morde. A luz do abajur oscila, talvez falte luz, ouviremos no breu o corpo da chuva se estilhaçando contra os telhados e janelas. Ele tira do jeans um maço de cigarros, tasteia o volume do isqueiro pelos bolsos, mãos trêmulas. Recordo Celestina, com a navalha na minha nuca, tomo o isqueiro de suas mãos e lhe ajudo a acender o cigarro, seus olhos negros me encaram, fulminantes, iluminados pela chama. O que você queria, lobinho? Já teve o suficiente? Já está saciado? Pego sua mão e passo os dedos em cima do corte em minha testa. Era isso o que você queria fazer? Eu já conheço a cor do meu sangue, não precisava disso não, e você, conhece a cor do seu? O tronco dele estremece, a corda volta a esticar. Não, não, não, tento acalmá-lo, não se preocupe, eu não

vou te machucar... Você já faz isso sozinho. Ele baixa os olhos humilhado, não há mais sinal de desdém nem filtros em preto e branco nos enquadrando, já somos feitos de cores vivas, as minhas cores vivas, desconfortáveis e incompatíveis com a madrugada. Ficamos a girar sob um eixo imaginário, lentamente, dançando ao som da chuva. A fumaça do cigarro dele gruda na minha pele. Tiro a sua camiseta que está começando a ficar molhada de suor. Muito quente aqui. Sim, sorrio. Vá tomar um banho... Gargalhamos. O quê? Lobinhos não gostam de água? Ele sorri malicioso, desliza a mão sobre o meu corpo e agarra o meu pau, sua boca com gosto de cigarro abocanha a minha, lobinhos só fazem lobices mesmo... Ele tira a calça e vai pro banheiro, eu penduro uma toalha na porta e me deito. Reacendo o baseado e apago a luz do abajur. A brasa dança diante dos meus olhos, a leveza vai se espalhando pelos cômodos do meu corpo, amortece a queda vertiginosa e contínua em que me encontro. Lá fora, outras quedas. Coisas despencam do céu fazendo enorme estardalhaço. Adormeço sonhando com lobinhos me galgando o corpo, me mordendo, arranhando a minha cara. Meus olhos se abrem lentamente, a silhueta vai aos poucos entrando em foco. Acordo com o lobinho real, carne, ossos e pelos montado no meu tronco, cabelos molhados, a lâmina, a minha faca de churrasco erguida cintila no escuro do quarto, uma placa de gelo endurece o meu peito, então é

medo isso? Uma falta de ar que congela. Pronto, te matei, sussurra o lobinho, um peso lhe desaba das costas. Agora vê se faz o favor de sair dos meus pensamentos, Ivan, principalmente dos pensamentos que tem a etiqueta com o nome do Ravi. Ele abaixa a faca e a deposita na cabeceira. Ah, lobinho, era ciúme e só? Que coisa boba, infantil, já te disse que poderia até existir felicidade a três, nessa cama, nesse lençol que você queimou com a ponta do teu cigarro e no qual limpei o meu sangue. Ele ri sarcasticamente, uma lágrima em queda desaparece num vão da minha carne. Acendo o abajur. Lobinho sai de cima de mim. Despe a toalha na qual estava enrolado e se veste. A minha nudez já se cansou da tua. O ódio enfraqueceu e tu logo vai desaparecer, se desintegrar no ar à primeira baforada noturna que entrar pela janela. Sabe de uma coisa? Ele indaga, cigarro apagado na boca, luta com o fecho do cinto, me fisga com o olhar e diz: Você devia terminar de ler a metade que falta daquele livro que o Ravi esqueceu, não leia do começo, leia apenas a metade final, assim você vai saber a parte que ele não sabe e vice-versa, vocês serão as duas metades de um romance. Poético isso, não? Metáfora versão pseudoculta das duas metades da laranja. A gargalhada do lobinho explode e ecoa no quarto e dentro do meu peito. Arrisco a pergunta que tem me causado azia desde a hora em que ele chegou: cadê o Ravi? O tempo eriça todos os pelos da nuca, lobinho senta na

beirada da cama, pensativo, acende um cigarro e me olha demoradamente, tipo, do Gênesis ao Apocalipse. De dentro dos seus olhos dóceis tenho a impressão de que outro par de olhos me vigia, mais firmes e viris, me devastando por dentro. Neles eu procuro a senha, a verdade oculta por trás do fio de palavras que ele desenrola na minha cara. O Ravi está em cada desencontro das nossas vidas... No velório da Marta, por exemplo, ele tinha acabado de sair quando você chegou por lá, causando todo aquele tumulto... Na certa algum microacontecimento do teu dia impediu que vocês se encontrassem. Quem sabe, ao sair de casa, e já no elevador, você tenha apalpado os bolsos e percebeu que o celular ou a carteira não estavam lá, e voltou pra pegar, ou ajudou uma velhinha a atravessar a rua, o que lhe custou uns bons minutos. Enquanto lobinho lista outras situações eu me lembro que naquele dia o carro de Laila custou a pegar e perdemos uns cinco minutos naquilo. Explodo com ira, grito que já não me interessam os desencontros passados, perdidos, fodidos, o que eu quero é saber onde porra está o Ravi, e quero saber agora. Ele diz que não sabe. Não sabe ou não quer dizer? As duas coisas, Ivan... e você... quer mesmo encontrá-lo? Hesito, coço a barba, estranhamente hesito, a ferida na testa dá pontadas. Eu não sei, Gabs, juro que não sei de mais nada. Ele sorri. Até que enfim não me chamou de lobinho. Acho que depois dessa já posso ir, e quanto ao Ravi... Olho pra ele

com uma cara trespassada de interrogações. Vai na fé, querido, nem sempre a gente está preparado pro que a gente deseja, abocanhar o fruto exige mais que dentes fortes. Gabs, você vai sair com essa chuva? Ele passa a mão no meu cabelo e segura o meu queixo, nos encaramos até o fundo de nossas almas, ele joga a fumaça prum lado. Sim, meu querido Ivan, há lobinhos por aí que não são feitos de açúcar. O maldito filtro em preto e branco volta a nos enquadrar. A membrana de ódio se desfaz. Gabs desmancha-se no ar. Suas partículas lançam-se janela afora perdendo-se no hálito fresco da noite.

11

A manhã sai de dentro da cidade lavada de chuva. O ar está fresco, embora o odor dos bueiros remexidos pelas enchentes se acentue um pouco mais. Os que cruzam o meu caminho, passos em outro metrônomo que não o meu, parecem acostumados aos altos e baixos geográficos e climáticos da cidade. Ainda é turvo o meu caminhar, sempre demoro um pouco para acordar, de fato. Uma cidade de braços e pernas e cabeças e troncos sai de dentro do ovo da manhã que sai de dentro da cidade de concreto lavada de chuva que entra dentro do meu olho e dos meus ossos e da minha carne e me deixa fraco forte velho novo feio bonito cansado-disso-tudo e, por fim, acordado... Na esquina, a padaria, os pães e o café à espera dos primeiros tripulantes. Sento no balcão, vitrines atoladas de salgados, a gordura mancha o vidro. O rapaz ancorado na outra ponta do balcão, que todas as manhãs me lança olhares dúbios, conversa animado com o garçom-rinoceronte, que sempre esbarra nas mesas que vai servir. Peço um misto-quente, um café puro e um suco três em um. A be-terraba tá em falta, diz o rinoceronte. Então desce uma vitamina mista. É pra já, chefe. E me vira as costas para descascar e cortar frutas e metê-las no liquidificador

barulhento. O rapaz da ponta do balcão continua a conversa à distância. Grita as propriedades do azeite, por cima do barulho de frutas trituradas, diz que leu numa revista. Se eu estivesse mais próximo, travariamos diálogo? Mas começar com benefícios do azeite é de doer. Folheio o cardápio que já sei de cor, só pra não lhe dar brecha, hoje não, quem sabe um outro dia. No rádio, o horóscopo: amores passados retornam, tempo de começar novos projetos, sente-se sensível às mudanças, conjugue passa por períodos turbulentos, vai receber nova proposta de emprego, sente-se triste, sente-se animado, faça mais exercícios físicos. Quando chega no meu signo a mensagem é curta e direta: matricule-se em aulas de ioga. Solto uma gargalhada que faz com que algumas cabeças se virem na minha direção, o rapaz de olhares dúbios continua animado na conversa deslizando do azeite. Na certa deseja untar o corpo estratosférico do garçom-rinoceronte. Aqui sua vitamina, chefe. Agradeço, cheiro de pizza invade o recinto, a televisão sem som exibe um programa de receitas. Engulo o misto sem vontade, é sempre difícil ter fome de manhã, deveria ter pedido um açaí, a vitamina desce mais fácil. O rapaz de olhares dúbios me pede licença pra pegar os guardanapos ao meu lado, quando ele se aproxima e roça o braço no meu, sinto o perfume que se desprende de seu pescoço, algo estremece dentro de mim. Sente-se sensível ao odor e ao roçar de braço dos machos,

deveria ter sido o meu horóscopo de hoje. Do outro lado do balcão alguém discute o resultado do futebol, manobras políticas, a novela das oito, o café azeda os ânimos, pago a comanda e saio dali. Amanhã será tudo quase igual, como se fosse a parte num quadro ou fotografia que tenho que integrar todas as manhãs no mesmo horário. O som de um sax inunda a escadaria do metrô, atiro moedas num chapéu de feltro negro e velho, alguém me empurra, cabelos esvoaçantes me xingam, sem tempo prum jazz. Três estações até o trabalho. O tempo que se passa no metrô nunca corresponde ao do relógio, pensamentos, devaneios, paixões de transporte público, divagações, alguém me mandando mensagens no celular, escolher uma música, e quando vejo a porta já está fechando e eu vou descer nessa estação, porra! Alguém segura pra mim e a porta se abre automaticamente apenas tempo o suficiente para que o meu corpo passe, esgueirando-se como um felino. Tudo culpa dessa espécie de nova dimensão temporal que se desdobra enquanto viajo por baixo da terra. Sempre a mesma sensação. O parque em frente à academia parece que vai ser reformado, o banco onde Ravi costumava me esperar foi removido, tapumes cobrem um pedaço do terreno, viro as costas, meus olhos e estômago queimam diante daquela mudança inesperada. No fundo do galpão, os mexicanos seguem sua rotina de supinos retos, inclinados e declinados. Só quando cruzo com a gangue,

a caminho do vestiário, é que me dou conta de que alguns deles estão com o rosto inchado. Provavelmente se envolveram em alguma briga. Olhos enegrecidos, cortes, lábios partidos ao meio. O que parece mais novo dentre eles faz exercícios em um banco à parte, um pouco afastado do grupo, nossos olhares se cruzam, meus dois olhos e o olho aberto dele, o outro está inchado. Uma angústia estranha me percorre o corpo. O rosto sério dele emerge embaixo do manto de cicatrizes, parece mais desterrado do que sua condição de imigrante supõe, mais deslocado do que seus traços exóticos, do que sua pele azeitonada. Fico aguardando qualquer reação dele, permaneço solícito, caso queira tirar alguma dúvida sobre o *fly* reto que está fazendo. Mas ele permanece imóvel, como que olhando através de mim, para algum ponto além. Me viro e mexo no celular, aquela música que ainda não consegui encontrar na lista de reprodução. Aqueles dias em que todas as músicas parecem extremamente repetitivas. Canções apodrecem, passam da validade. No fim, estamos todos acostumados a consumi-las desse modo. Preparo as fichas de treino dos novatos. algo está me inquietando, talvez o olho inchado do mexicano, talvez o banco removido do parque, talvez os olhares dúbios do rapaz da padaria. Ou a soma desses pequenos escombros que formam a carne do dia. Guto vem com sua barrinha de cereal meio mordida, me dá tapas nas costas, cretino. Sempre sorriden-

te, com jeito de quem vai contar uma vantagem. Finjo concentração na ficha por preencher em minhas mãos, ele desvia e vai auxiliar alguém num treino qualquer. Os lutadores de jiu-jitsu irrompem na recepção com xingamentos cordiais e gargalhadas graves. Pernas pedalam sincronicamente as bicicletas em frente à televisão. O programa de culinária continua ostentando bolos frente àqueles que arfam em cima das bicicletas desejando perder calorias até o próximo verão. Faz tempo que Gary não vem. Talvez eu me sinta menos agitado olhando seus agachamentos e os passos de dança que ele ensaia entre um exercício e outro. O pessoal das aulas de ioga chega, espalha colchonetes num canto, lembro do meu horóscopo, um leve sorriso risca o meu rosto. Até que enfim melhorou essa cara, grita Guto, segurando uma perna feminina no outro lado da academia. Tenho vontade de gritar que a cara vermelha dele ficaria bem com aqueles mesmos cortes e inchaços da cara dos mexicanos, eu poderia pagá-los pra dar um trato no cretino. Mas esquece, na certa ele viria no outro dia contando que eram cinco contra um e que ele amansou todos debaixo de porrada e ainda levou na garupa da moto uma “chicana”. Não sei como terminar aquela ficha que, pra falar a verdade, nem lembro de quem seja, um nome assinado no topo: Danubia. Três mulheres começaram ontem. Deixo para depois, para quando ela vier, caso retorne. Muitos não passam do primeiro trei-

no. Outros não passam da matrícula. Não importa, se ela vier, termino a ficha. Lembro das palavras de Gabs, aquilo sobre Ravi estar nos desencontros da minha vida. Nunca poder encontrá-lo, não parar de pensar que a vida inteira talvez seja feita de fatos que podem gerar um desencontro. Recusá-los seria entregar-me à instabilidade, ficar dentro de casa, aguardando que o único fato relevante viesse até mim. Por outro lado, poderia ser justamente graças a um desvio no rumo certo das coisas que eu poderia encontrar Ravi, já que provavelmente a minha porta ele não vai mais bater, nem tocar a campainha, nem esmurrar a madeira da porta depois que seus irmãos lhe fustigarem o corpo. Encruzilhadas, ficar ou não parado? Entregar-me ou não ao curso dos acontecimentos? O banco de madeira do parque em frente nunca mais, a madeira apodreceu, os brinquedos enferrujaram, as crianças cresceram. Na certa vão cimentar tudo, bancos fixos, quinas duras, canteiros de mau gosto, mendigos em busca de um chão fresco nas noites de verão. Nunca mais Ravi com meu par de óculos escuros a me esperar do outro lado da rua. Tapumes intransponíveis, Ravi, esses que você ergueu no nosso caminho. Fabiana chega atrasada, furor cor de rosa, me cumprimenta de modo automático, não anda batendo com a minha fuça. Fora Laila, me relaciono pouco com mulheres, nunca sei quando sou indelicado, grosseiro. Devo ter feito ou dito algo errado. Fabiana me desprezou

a semana inteira, nada sei. Suas unhas estão pintadas de preto, apressa-se em ocupar seu posto atrás do balcão na recepção. Muita gente por aqui doida pra furar nosso olho, confidenciou certa vez. Eu não me importo muito com esse emprego, que falassem o que quisessem ao chefe. Laila disse que eu poderia me virar muito bem como modelo, mas não boto fé, há tantos como eu por aí, cada vez mais. Seria difícil conseguir destaque dentre a massa de corpos desenvolvidos por meio dos mesmos exercícios e suplementos e dietas. Laila sonha muito, tanto que, depois de sonhar seu mundo, acaba sonhando o mundo dos outros. Já imaginou, Ivan, você na capa dessa revista? Olha só, um escândalo! E naquele blog de moda... Sim, Laila, continue sonhando por mim. Talvez eu desista dos fatos e me deixe ficar em casa esperando as batidas de Ravi. Quando o dinheiro acabasse, viria a fome, mas creio que antes disso os incêndios em meu peito me devorariam em todas as direções do corpo. Eu desapareceria e fariam anúncios com minha foto dizendo onde fui visto pela última vez, saindo da academia onde trabalho, olhando demoradamente o parque em reforma, esquecendo-me de mim num vagão de metrô, atravessando a via de camelôs na calçada do prédio onde moro, entrando e jamais visto saindo, dado como desaparecido desde então. Fabiana pede as fichas dos clientes novos, quer atualizar alguns dados. Pergunto quem é Danubia. Ah, você não lembra?

A mulher com cara de nojo, que veio ontem de manhã, essa não volta mais, meu querido, não notou a careta que ela fazia quando você passava o pano com álcool nos aparelhos? Aquela, se pudesse, nem pisava no chão. Depois de destilar seu veneno, Fabiana sorri pra mim. Acho que a raiva passou. Minha cabeça martela uma enxaqueca. O dia vai se arrastar, já prevejo. Assim como a reforma do parque. Espero estar fora daqui quando os tapumes forem removidos, é o que meus olhos suplicantes parecem dizer na direção da gangue de motociclistas mexicanos. Eles teriam o poder de me carregar dali? O quão longe suas motos envenenadas poderiam me levar?

12

Se você soubesse Ravi, o quanto te procurei nesses ociosos orifícios, cavidades de rochedo, a porra do meu verbo ejaculada, escorrendo na pele rugosa dos muros, pequenas plantas brotando por entre as fissuras refletindo a nossa trama, esse fruto nascido da intempérie e da improbabilidade a brotar do asfalto duro dos dias. Te procurei nas penumbras e vãos e avenidas e curvas de braços e pernas, nos gestos vazios, nos silêncios inchados de palavras, no claro-escuro, nas gargalhadas e nos dentes alvos dos teus amigos. Fodi a carne de todos, Ravi, saiba por mim e tenha todo o quadro desses dias a lhe encher a vista, te dou tudo de uma só vez, rasguei todos os lados possíveis dos teus amiguiños, o de dentro e o de fora, confundidos na hora do gozo, busquei teu cheiro no suor de suas testas e recônditos. Meu falo enraizado na tua ausência. O ouvido colecionando nomes, esvaziando conceitos, cobrindo-os com novos sentidos. No percurso das horas de prazer, sussurrei e ouvi palavrões engendrados desde o início dos tempos em línguas mortas, vivas, desde o plano terreno ao celestial. Guardei uma paleta de gemidos modulados em tonalidades diferentes, urros violentos, sons abafados contra o travesseiro. Apertei meus dedos ao

redor de pescoços suplicantes, prazer e dor entrelaçados num par de olhos. Bebi do pranto que escorria em maçãs de rosto, compus canções com o ranger de camas, sofás, mesas, cadeiras e com o farfalhar macio dos lençóis, fiz ferver e pulsar o sangue enjaulado e enlouquecido nas veias. Línguas ébrias dançaram dentro da minha boca num bacanal sem fim. Andrei, Antônio, Saulo, Rubem, Gabs... de dentro dos nomes extraí o sumo amargo de cada um, de todos conheci o avesso o ventre a virilha a glande o cu as bolas os pelos pubianos a porra a merda; negros, loiros, ruivos, lisos, crespos, raspados, explorei as estruturas sintáticas do corpo de cada um, a base de cada homem, a superfície, por vezes tão destoante com o que ia por dentro. Penetrei fundo, parti em dois, invadi, afundei na carcaça de todos os seres. A criação, o macho e seus duros limites escancarados diante do meu corpo. Meu leite vertido em dúzias de bocas, em peitos e barrigas de cores e formas diferentes, recantos macios, ásperos, peludos ou lisos como seda. Provei do líquido espesso de tantos, aprendi texturas, salgado, doce, amargo. Juntei o meu sexo ao de um e com as duas mãos os friccionei simultaneamente até acertarmos os ponteiros exatos do orgasmo e lançarmos no mesmo segundo um jato cintilante na penumbra de algum quarto perdido na memória. Nem por isso nos tornamos um só ser. O meu corpo serviu de veículo, carroça, trem-bala, limusine, lotação, ponte, passagem para

o outro lado e para lugar nenhum. Nele embarcaram todas as fomes, os instintos mais baixos, faíscas de tesão. Alguns tomei com ódio e asco, de muitos me arrependi, com poucos senti prazer, por alguns senti carinho, enquanto outros me passaram gonorreia. Sim, Ravi, não fiquei impune às nuvens de insetos purulentos que atacam os frutos do desejo. Colheita amarga, teus amigos sugaram o meu caralho em febre, a minha glande constipada, lamberam minhas bolas ardentes, suas línguas deslizaram pelo meu ânus inflamado. Me presentearam com prendas pestilentas amarradas com fitas cor de sangue. Meu corpo foi transportando desejo, cólera, sujeira, fezes e pele morta, tal qual uma enchente que arrasta tudo sem distinção. Saí impune, estranhamente saudável, filha-da-putamente limpo. Exames zerados, não sei como sobrevivi, não sei como a madeira do meu corpo não cedeu, não sei como a doença recuou ante a minha sede por aniquilação. Autoaniquilação. Na verdade, nunca tive a inclinação de um suicida, mas algo dentro de mim apontava claramente na direção de um abismo. A cada estocada na carne dos teus amigos eu sentia o meu corpo morrer aos poucos, a cada jato que saía de dentro de mim eu sentia a minha alma se esvaindo. Rolei meus músculos em seus tapetes persas, colchões vagabundos, quartos de hotel, rodei, de zero a cinco estrelas, casas de família em férias, saqueei seus bares, despojos de guerra. Me serviram café na cama,

acendi seus cigarros pós-sexo enquanto a marijuana me aquecia o sereno no peito, carreiras de pó nas quais empreendi uma busca alucinante, caçando qualquer visão, qualquer delírio que pudesse se igualar ao delírio do teu corpo, Ravi. Acordei dentro de manhãs ácidas e insólitas, no bojo de tardes putrefatas, nas rupturas de noites partidas, migalhas bicadas por pássaros negros. A memória vacila, me equilibro numa linha. Me curvo e lá embaixo o precipício abre sua boca escura e petrificada, sempre à espera do meu deslize. Retalhos me ferem os olhos, grudam em meu tronco, visualizo instantes, vultos, vozes. Andrei ganha opacidade, deixa de flutuar no limbo da memória soterrada, a porta do banheiro sem trinco entreaberta, de costas pra mim, a bunda morena e as coxas grossas desenhadas pela luz incandescente, o barulho da urina reverberando dentro do vaso, uma toalha que nunca seca amarrada à minha cintura, cheiro de mogno se desprende dos móveis, desordem na pia do banheiro, tesoura, creme de barbear, fios de barba grudados na borda, o arame farpado do seu toque. Vem tomar banho comigo, Ivan, quero tocar cada fibra de estátua grega do teu corpo. Andrei sorri, numa das mãos uma esponja ensaboada enquanto a outra mão marca o compasso do seu prazer, ou isso foi em outro tempo e com outro dos teus amigos? Agora é Antônio quem avança, corpo esguio, cruza as trincheiras da mente, me pede pra apertar com mais força a corda em volta dos

pulsos já vermelhos, as veias estufadas de vida e desejo, o pescoço se vira na direção da gaveta da cabeceira. Pega o lubrificante, Ivan, isso, me aperta o mamilo. Beijo cada um dos gomos de seu abdômen, penetro meus dedos untados dentro dele e até o fim da noite meu punho inteiro estará dentro dele, seu corpo se contorce atado à guarda da cama, um abajur de luz roxa com um pano por cima ameniza a claridade, um gato sai debaixo da cama, salta até o peitoril da janela e observa a noite quente, estaríamos dando à luz a felinos em meio ao nosso prazer? Quantos seriam suficientes para envolver a cidade em meio às nuvens de pelos, miados uníssonos e a loucura degenerada do cio? Antônio pede que eu lhe amarre os pés, perdeu as algemas, flor murcha na escrivaninha, folhas secas sobre a capa de um livro vermelho. Um redemoinho irrompe por trás dos meus olhos, arrasta Antônio atado à cama, alçado a um céu de esquecimento, aos poucos se recompõem fragmentos em nova figura, as feições de Saulo, penumbra impregnada de sons, o corte incisivo de seus lábios a engolir a extensão do meu pau, sua boca é preenchida em todos os recônditos pela minha carne tesa, seus engasgos me excitam ainda mais, já estou a ponto de explodir em sua garganta, sua cabeça percorre um trajeto certo, desce até o saco e faz o caminho inverso até a glândula várias vezes, lubrificando o meu pau, até que eu não aguente mais e esporre com violência em seu olho azul, em seu

nariz de judeu, em sua barba volumosa. Tem certeza que esse estacionamento é mesmo vazio? Sim, sempre venho aqui, não se preocupe, Ivan. Um local estratégico ao lado de uma coluna que esconde metade do carro, último piso. À nossa frente, a grudar-se no para-brisa, um mar de prédios sujos cujo fim se perde na linha do horizonte, antenas e torres perfuram o céu noturno, seus óculos retrô de lentes grossas no painel, Starman no alto-falante arranha nossos ouvidos enquanto secamos a porra derramada no estofamento. O carro pertence à família de Saulo e é utilizado apenas nos passeios de domingo, espaçoso o suficiente para a prole e para que nossos corpos se espalhem confortavelmente, temos que apagar os vestígios como se tivéssemos assassinado alguém, nossos contornos perdem a opacidade sob um céu sem estrelas. Outro retalho me perfura o pensamento, a presença amadeirada de Rubem, licor derramado no meu corpo, lichia, pêssigo, menta, um travo na garganta, sua língua absorve o doce do licor e o salgado da minha carne, embriagado. Termina por me invadir a boca buscando minha língua com a sua, duas brasas se tocam, dançam, avançam e recuam, salivas se misturam, ele desce na direção do meu ventre, silhueta negra contra a luz que vara as persianas, agora as costas poderosas se projetam, ele se ergue sobre o meu tronco, uma abertura do lado da cueca feita para que o sexo descomunal se projete para fora conforme a escala cres-

cente da ereção, observo a carne coroada de veias grossas, voltas de um colar no pescoço, um deus esquecido nos confins africanos, fetiche por cuecas, lençóis grudados confundindo-se com a nossa pele, o suor brilha sobre a camada rígida dos músculos de dançarino, o calor azeitona sua pele, um cheiro de animal perfeito se desprende de seus pelos, meus olhos são feridos por pedaços de vidro, o corpo dele se estilhaça no escuro, emerge o silêncio e abarca tudo. O último retalho ganha mais nitidez, uma força arrebatadora, talvez por ser o mais recente, brilha como um diamante. Gabriel passa uma lâmina fria pelo meu torso enquanto um choque de prazer lhe percorre o corpo... lobinho. Para este último fragmento não preciso de mais detalhes, já é o suficiente para sentir minha nuca eriçada. Junto todos os retalhos e costuro pacientemente, noite após noite, um manto multifacetado. Meu trabalho se converte em descanso, o rosto ao espelho vai serenando a cada volta que o relógio dá. O que vai ganhando forma entre meus dedos é artesanato ainda sem nome, só vou saber quando o concluir. Quem sabe a minha mortalha esteja nascendo das minhas próprias mãos, sim, Ravi, uma mortalha em que vou encobrir e embandeirar o meu sexo, sou todo feito de febres, incêndios, só sei responder com o corpo, só sei cuidar com o toque, minhas mãos falam o que a língua é incapaz de dizer. O sexo é o meu centro, e dele emerge, concêntrica, a minha força vital, por isso

só posso ser dado como morto a partir dele. Desdobro a mortalha no chão, trabalho concluído, são tantas cores e odores que o ar pesa numa atmosfera abafada e almiscarada, abro as cortinas. A areia fina dos instantes pousa sobre os móveis. Respirar aqui é experimentar alguns gramas a mais de loucura além daquilo que é permitido em nossa sociedade. O coração fica entorpecido e o cérebro arde a cada pensamento, as vias aéreas ficam obstruídas por incêndios represados, suores rolam carne abaixo e a dança é permitida, mesmo que não haja música. Este também será o meu testamento, Ravi, você sabe que não deixo nada de valor, apenas esses fragmentos flutuantes, dentre os quais o pedaço maior é o teu, costurado ao centro. É por aqui que se inicia a viagem, é a partir desse teu retalho que a narrativa se desdobra por caminhos dúbios e por vezes sem saída. E por mais fragmentado que pareça, há um centro nesse caos. Por mais que possa ser lido em qualquer ordem, é teu o sol que ilumina os outros retalhos. Sei que não há o perigo de leituras destoantes, tua luz ofusca todo o tecido ao primeiro olhar e só depois lança luz sobre os outros pedaços, como uma estrela, você é o guia noturno do meu tecido de escuridões. Sinto que a obra ainda não está completa, as rebarbas restam nas pontas, é preciso compor um quadro que abarque todo esse caos, bordas que contenham a fúria de um possível rompimento desastroso para a minha memória. Sim, ainda faltam os

nacos solitários da minha vida, são necessários à coerência do todo. Momentos como este em que contemplo a mortalha, o silêncio salivando nos cantos do apartamento. Sim, Ravi, foi necessária a tua ausência para que eu aprendesse a extrair as cores mais vigorosas desses agoras. Quatro grandes tiras de solidão são costuradas nas extremidades do tecido. Meus dedos cheios de cicatrizes e agulhadas trabalham com dificuldade, pois aprendi essa arte no calor da hora, enquanto a realizava, não tive aprendizado prévio. Um toque de campainha estremece os vazios, rangem tábuas, móveis, batentes de portas, range o meu peito. O tecido se desmancha e desaparece, restando o piso de tacos nunca encerados, não me perturbo, tenho a plena consciência de que ainda reconstituirei muitas vezes essa mortalha antes que o dia de sua utilidade chegue. Outros retalhos somando novas narrativas ainda vão aparecer. Sim, o meu corpo ainda não se saciou, talvez o toque na campainha traga outro fragmento extraviado pela obscuridade da memória, estou pronto para girar a maçaneta da porta e destravar os trincos da carne.

13

Extremidades se tocam, ponteiros de relógio, não sei se as horas ficam por sobre os minutos ou vice-versa. Um céu azul que desce afiado, lâmina sobre meus-teus olhos perplexos. Lá nos longes, o aeroporto arde em brancura cintilante. O sol resseca os lábios e parece jogar um punhado de sal garganta abaixo. Nossos limites se roçam e de tantos atritos e desgastes nasce essa tarde difícil de segurar por entre as mãos, queimaduras no pensar e no tocar, um ranço de dia desperdiçado paira no ar. Teu olhar se torna opaco, doente, é quase morte o que vejo daqui enquanto estou tentando me abrigar à sombra de um ipê. O inferno de coisas esturricadas à nossa volta, tuas costas apoiadas na lataria quente do carro, o reflexo azul no vidro é tão violento que parece vir de dentro do carro, não de fora. Você morde o lábio inferior como se mordesse o fruto ácido da indecisão, procura pela frase certa, algo que evoque o poder de um desastre natural, algo com força suficiente para desestabilizar o chão da nossa rotina, seria isso? Já te vi em outras ocasiões a desfiar fios de verbo translúcido-transbordante e enredar o meu coração num novelo palavroso. De modo igual, já enxugaste palavras friamente, um cuspe ácido abrindo sulcos na minha

cara, a tua rispidez marmórea já foi maior do que essa rugosidade solar em minha garganta e se eu não fosse filho do fogo, se eu não fosse... já teria caído de joelhos a teus pés, mas minha fibra não cede, nem empena, não sou feito de súplicas. Agora sinto que teu hálito arranha o lado esquerdo do meu rosto, procura dizer o que o verbo desconhece. Não há nada entre nós nesse agora que possa ser tingido por cores de palavra. Sinto que essa hora não busca molduras nem conceituações. Morre em nós a função da língua, anulamos a comunicação oral e enxergamos numa réstia de memória algum vulto ancestral anterior à palavra. Você me procura dentro do brilho dos meus olhos, mas eu não tenho certeza de estar neles, talvez eu tenha me mudado de mim mesmo, talvez esteja em férias. Foi tudo tão repentino que eu nem pude verificar minha presença dentro da minha carne. Marcamos esse encontro emparedado, verbo interdito, olhos opacos, sal na garganta. Marcamos isso como quem arremata um mal necessário, como quem atira num cão raivoso... Ruídos da avenida em frente, barulho de crianças em algazarra ao fundo, uma escola do outro lado do muro pintado com desenhos idílicos, frases de escritores famosos, personagens do *Sítio do Picapau Amarelo*. O sol é um chuveiro em brasa cozinhando nossa hesitação. Você me chamou e eu vim, e sei que é porque somos duas criaturas que não têm nada a dizer uma à outra, e era essencial que nossos hálitos se cho-

cassem, incapazes de proferir qualquer som. Uma decisão sábia moldou essa escultura grave em teu rosto. Saiba, se você tivesse agido de forma leviana, se você tivesse batido à minha porta, na certa rolaríamos entre as caixas de mudança da sala, esbarraríamos nas paredes estreitas do corredor até atingirmos a segurança da cama e nos abrigarmos, por fim, numa redoma de sexo, ilhados entre lençóis e travesseiros. Sim, poderíamos não ter nada a dizer um ao outro em qualquer outro lugar que não esse e arquitetando tantas outras coisas, mas não seria do jeito certo, esse vazio não seria transmitido como está sendo agora, neste momento neutro em que nos encontramos desarmados, despídos de nossas profundidades, abarcados por um rio raso de palavras e sensações. Através do céu refletido no vidro eu posso ver os contornos do teu instrumento, a caixa do violino descansa no banco de trás, é a mudez trancafia-da que você vem me trazer, toda ali, representada naquela caixa em formato de instrumento, porém incapaz de se igualar a ele em seu mais essencial aspecto: a capacidade de produzir som. Assim estamos, um diante do outro, homens despídos de nós mesmos. Feito duas estátuas que não podem reproduzir o movimento e a fala humana. Recuo e minhas costas roçam na aspereza do tronco do ipê, a sombra muda de lugar conforme declina a tarde. Preciso ter a certeza de que ainda sou um homem, mesmo que plantado num terreno castigado

de sol, mesmo que precise gritar pros carros na avenida só para ouvir de volta qualquer xingamento que me confirme a existência diante do mundo. Sou um homem, não um cão ou um poste, exerço um livre-arbítrio insuportável, sou responsável por cada migalha que atiro ao chão. Sinto que as coisas ao nosso redor, desde as buzinas e os motores dos carros, até os ruídos das crianças do outro lado do muro, sinto que tudo isso em volta está a nos construir, peça por peça, nesse instante. Urge do corpo das coisas o tecido da narrativa que abará os nossos silêncios. Nos longes, aviões decolam e pou-sam confundindo as despedidas com os reencontros. Turbinas ferem nossos ouvidos. Sinto o desejo de alçar-mos voo, para longe daqui, para que esses silêncios não precisem mais ser transmitidos. Sim, voltaríamos a ter o que dizer um ao outro e eu não te veria mais mordendo o lábio em sinal de indecisão. Talvez o sol nos abraçasse de uma vez, seríamos absorvidos por qualquer espécie de claridade, atingiríamos extremos e nos tornaríamos um só. Uma gota de suor desce pelas minhas espáduas, a barreira elástica da cueca a dissipa, a pele dura do Ipê começa a perfurar minha carne, estou quase dentro dele, comprimido, entre esse esguio corpo vegetal e a lataria quente do teu carro, sinto uma emanação cálida se despreendendo dos teus poros, teus olhos lacrimejam e crescem cintilantes dentro do rosto avermelhado pelo calor violento. Entro na carne do ipê, sin-

to em minha garganta como que um bolo de folhas secas, um rio de seiva inunda o peito por dentro, e por fora formigas percorrem os sulcos do meu tronco, meus braços se tornam galhos retorcidos, meus pés desaparecem, enraizados dentro da terra do canteiro pintado de amarelo, pássaros segredam seu canto em meus ouvidos, aliás, eu inteiro me torno um grande aparelho de audição, absorvendo o som da cidade, da avenida, dos aviões, das crianças no pátio da escola. Lanço minha sombra sobre o teu corpo, te acaricio com minha folhagem farta, orno teu peito de flores em dias de festa, te dou aspecto divino quando você se senta aos meus pés e, de olhos fechados, penetra calmamente nas cavernas silenciosas do ser. Abandono o pensamento vegetal e retorno ao corpo que me foi dado, me sinto menos harmonioso dentro dessa pele ridícula de homem, talvez a minha natureza rústica se identifique mais à das árvores, ou quem sabe à de um animal de grande porte, desses que deslizam silenciosos e se confundem com a vegetação das florestas. Percebo que minha deriva te incomoda um pouco, tua testa está enrugada, como que tentando adivinhar meus pensamentos, é como se você exigisse de mim algo que não sei dar. Não é fácil não ter nada a dizer e só se chega a esse ponto depois de incessantes e frustradas tentativas, é preciso praticar algumas horas de vazio por dia, do contrário, sempre escapa uma entrelinha que contamina o ar e acaba trazendo

um diálogo superficial à tona. Eu não me preparei o suficiente, por isso me disperso com facilidade, você está completamente compenetrado, tanto que nem sente a lataria do carro a lhe ferver as costas ou essa lágrima que foge do teu olho inundado de luz. Parece mesmo que a gente vai desaparecer embaixo desse mormaço, soterrados por uma mudez pegajosa que gruda nas têmporas enquanto o mundo ao redor transborda ruídos e sons diversos, toco tua lágrima e tua cegueira de sol. Sim, onde estão os óculos escuros agora? Não digo, mas é como se tivesse arranhado o ar com palavras, pois percebo um sorriso de cumplicidade cruzando o teu rosto ofegante. Os andaimes da gravidade desmoronam e te vejo com maior clareza. A hostilidade climática parece ser nossa provação ou algo do tipo, alguma etapa necessária que precisamos ultrapassar, para quê? Juro que não sei, confesso nada saber. Você abaixa a cabeça, olhos fixos na sarjeta, algumas moscas em volta do bueiro com a tampa quebrada, na certa, ratos mortos. Tocos de grama seca ao redor dos teus sapatos. A fixidez do teu olhar reflete sobre algo, passam-se alguns segundos que por dentro de mim parecem conter a elasticidade de um século. Levanta decidido a cara e me indica com um movimento de cabeça o banco do passageiro no carro. Entro, um forno ligado no máximo seria mais agradável, você gira a chave, uma rajada de ar frio trinca a minha testa, o choque térmico me entor-

pece, o carro se afasta do muro cheio de figuras coloridas, o ipê diminui à medida que nos distanciamos, agora somos parte da avenida com seus ruídos contínuos, somos parte integrante de uma fileira engarrafada de motores, latarias e bancos reclináveis. Você não dirige com as duas mãos ao volante, o braço esquerdo fica apoiado na janela aberta, faço menção de censurá-lo, de te dizer: 1) que o ar condicionado não vai refrescar o interior do carro enquanto a tua janela estiver aberta; 2) que não se deve dirigir apenas com uma mão ao volante; 3) que minha boca sente falta da tua, este último item talvez seja o mais cheio de urgência. Penso em dizer tantas coisas em meio a essa trégua verbal, em meio a essa abstinência muda, logo agora me vem essa força constituída de avessos e fico estufado de frases, diálogos, piadas de quebrar o gelo, confissões, segredos nunca antes revelados, resmungos, palavrões, sussurros quentes ao pé do teu ouvido. Tudo fica travado na garganta, azia, sílabas inteiras me entopem as artérias, o coração luta para se libertar dos soluços e das palavras trancadas. Você olha sério pra frente, como se nossa tarde dependesse da tua direção irresponsável, essa que tu conduz com apenas uma das mãos, na minha janela fechada um pedinte bate com o nó dos dedos, inutilmente à procura de uma brecha para pedir moedas. Ele vê a tua janela aberta, teu braço pra fora, ensaia uma investida, mas antes de passar para o outro lado o semáforo fica verde

e partimos deixando-o envolto num halo quente de motor em chamas. Você usa uma corrente dourada no pescoço por dentro da camisa, do primeiro botão aberto é possível vê-la num brilho que escapa e contrasta com o negro do tecido, tua beleza está tão grave dentro dessa tarde que eu mal consigo respirar quando te olho demoradamente. Se fecho os olhos, aqui dentro desse carro, sinto uma onda quente vindo da esquerda, onde teu corpo arde, exalando toda a tua força que é irmanada à minha, iniciada nas coisas do fogo. Em teu porta-luvas aberto pelo solavanco causado por um buraco no asfalto, dois olhos vermelhos me espreitam, você fecha com fúria, bate a porta sem me olhar, destila palavrões que viram cinzas no ar, sim, eu sei que é teu dragão, o guardião dessa dor que te trespassa o peito, o animal de poder nunca liberto do cativo da mente, agrilhado nas correntes do medo e da incerteza. Me deixa partir essas amarras, me deixa libertar teu dragão e com ele levar pra longe essa dor, você não imagina o quão longe podemos chegar montados nas costas desse monstro mitológico. Não, não adianta bater a cabeça ao volante como você está fazendo agora, cada lágrima é uma queimadura química na minha pele, teu carro sobe na guia antes que você se lembre que é na tua “mão única” ao volante que repousa o nosso destino, você estaciona aos soluços, destrava o cinto e teus gestos transmitem um sentimento de desistência, agarro teu tronco convulso

e afundo tua cabeça em meu peito. Tua nuca ainda está descascando dos dias de sol na ilha. Marta retornou e, poucos dias depois, a doença começou a se manifestar em seu corpo, agora já se fala em tempo restante de vida. Teus soluços me trazem todas essas imagens, teu choro colore um triste quadro, uma nuvem cor de chumbo se arma no céu, todo esse calor só podia dar em tempestade, daquelas que mandam raios que trituram ipês em menos de um segundo. Sob a corda do meu abraço teu corpo treme, preparo a língua e a modulação necessária, falha ao primeiro vibrar de cordas vocais, a falta de costume depois de uma tarde inteira tecendo silêncios, o verbo sai, pastoso, depois ganha concretude e arranha os vidros do carro, algo no porta-luvas se move. O dragão. Ravi, você precisa acordá-lo, esse dragão não vai sair daí sozinho, ouça, te quero bem, te quero forte, não assim, a ponto de esfarelar, é preciso romper com essa segurança falsa, esse chão feito de isopor, é preciso quebrar a corda do violino no meio do concerto... A cabeça dele emerge de dentro do meu abraço, nossos rostos ficam grudados, sujos de choro e medo, o céu se ilumina e nos cega, veículos buzina atrás de nós, a traseira do carro de Ravi obstrui parte da pista. Ele se recompõe aos trancos e acerta o carro dentro da vaga, um longo suspiro desinfla seu peito, a corrente cintila, agora em grande parte do lado de fora da roupa. Tomamos a direção da minha casa, ele diz que não vai subir,

do lado de fora do carro ignoro a chuva a me ensopar a roupa. Nos olhamos nos olhos e eu sinto que ele já sabe o que fazer. Arranca a toda velocidade, os pneus cantam decididos, lá se vai o dragão com seus olhos vermelhos. Me sinto aliviado, um bem-estar me invade o corpo enquanto o elevador me alça até o quinto andar. Da bruma do meu sono sinto o perfurar da realidade, dormi no tempo da recordação e acordei no tempo real, onde tu, Ravi, ainda está ausente dos meus dias. Existiu esse dia, de fato, esse dia em que você chorou no meu peito dentro do teu carro mal estacionado, mas o que acabo de vivenciar não passou de cópia em formato de sonho, o corrido foi antes que você viesse bater à minha porta, corpo trespassado de surras pelas mãos de teus irmãos. Você aprendeu sim a estourar a corda do violino no ápice do concerto, mas isso já faz algum tempo e, por falar em tempo, sigo sem saber em que lasca de tempo meu corpo se abriga. Ancorado estou na esperança de que outro sono me coloque nos eixos, ou me descarrilhe de vez...

14

Puxo a barra até a nuca em movimento contínuo, o ponto exato a pulsar em vermelho, como se um compasso interno fluísse dentro de mim e me indicasse o momento de deixar a corda puxar a barra de volta antes que esbarre na carne do pescoço. Me sinto tão mecânico quanto o aparelho feito de rangidos em que me exercito, nossos ruídos metálicos se confundem, apenas a minha respiração destoa, irregular. Não ouço o aparelho arfar, gemer, expirar ao fim de cada série de exercícios. Também não há suor escorrendo pelo corpo da máquina, já o meu parece que vai se converter em rio até o fim do treino, meus olhos se fixam na pilha de pesos que sobe e desce ao ritmo do exercício. Vez em quando ouço resquícios de conversas ecoando pelos cantos sujos do galpão, a poeira do parque em construção paira sobre todos os equipamentos da academia, o movimento fraco costura silêncios pesados no bojo dos meus ouvidos. Fabiana não ligou o som, Guto folheia edições antigas da *Men's Health*. Os domingos de manhã são sempre lentos e corrosivos. Se pudesse, dormiria durante as vinte e quatro horas desse dia. Por algum motivo todos vieram trabalhar hoje, é como se estivéssemos todos fugindo de algo no mundo lá fora. Pego a

toalha e enxugo o rosto, me demoro nas têmporas. Quem sabe alguma lembrança tua se dissolva ao ser expelida pelos poros... me levanto e vou pro chuveiro. No caminho, cumprimento alguns gatos pingados desfeitos em suor em cima dos aparelhos. Finos raios de sol atravessam os elementos vazados rentes ao teto do vestiário e explodem nos azulejos do box. A água fria que cai do chuveiro cintila ao ser trespassada pela luz, é como se meu corpo recebesse gotas de sol por toda a sua extensão, gotas de sol gelado. Fico sem ar embaixo do chuveiro, meu peito vai, aos poucos, se acalmando, a pele fica toda enriçada, enquanto me ensaboo ouço uma explosão de água ao lado esquerdo, alguém ocupa o outro box. Não ouvi ninguém entrar, nenhum som de passos ou o abrir e fechar rangente dos armários. Tento recordar as caras dos dois ou três clientes de domingo que cumprimentei, mas algo me turva as ideias, afundo a cabeça na água fria e solto um ou dois palavrões que ecoam por todo o vestiário. O chuveiro ao lado é desligado, barulho de braços e pernas chacoalhando para deixar escorrer a água, depois o barulho macio de uma toalha percorrendo a pele e os pelos. Desligo o chuveiro, me enxugo, abro a porta emperrada do box. Uma chave balança pendurada no cadeado de um dos armários, não há mais ninguém aqui além de mim. Me visto e guardo minhas coisas na mochila, largo em cinco minutos. Da porta do vestiário percorro com os olhos toda a extensão do gal-

pão em busca de um cabelo de homem com aspecto de recém-lavado. Um ou dois coroados pedalam as bicicletas, com os corpos cobertos de suor, parecem estar ali há mais de vinte minutos, impossível que fosse um deles. Na outra extremidade, um jovem magro e espinhento faz supino. Lembro que quando entrei no vestiário ele estava montando a barra, seria pouco provável que interrompesse o exercício para tomar banho. Desisto da busca e me despeço de Fabiana, entretida com seu celular na recepção. Penso em perguntar se ela viu alguém entrando no vestiário, mas deixo pra lá. Pra falar a verdade, não sei por que esse fato me despertou tanta curiosidade. Na saída, o sol me cega antes que eu possa enxergar os tapumes do outro lado da rua. Tenho a estranha sensação de que nunca verei o resultado daquela obra. A cidade inteira arde sob um sol em brasa. Atravesso uma avenida fechada aos domingos para carros. Várias pessoas se exercitam, leem ou tomam sol ao longo da faixa cinzenta de asfalto. Me sento na borda de um canteiro e observo o movimento, cães desfilam pra lá e pra cá encoleirados ou não, acaricio alguns. Sou olhado dissimuladamente por machos musculosos, parecem avaliar o nível de tesão que meu corpo lhes pode proporcionar. Seco uma garrafinha de água, um grupo de mulheres negras com atabaques e outros instrumentos de percussão começa a se apresentar, cantam músicas em línguas africanas e em português, o assunto das mú-

sicas é sempre um orixá. Fecho os olhos e é como se os tambores brotassem de dentro do meu peito, libertando todos os incêndios. Uma pequena multidão engrossa ao redor das mulheres enquanto o calor do começo da tarde engrossa em nossas testas. Me aproximo, liberto a dureza das costas recém-exercitadas, ensaio alguns movimentos seguindo o ritmo da música, sinto um par de olhos pousados sobre mim. A mulher no atabaque sorri enquanto canta na minha direção: “Abre o caminho/ o sentinela está na porta/ abre o caminho/ pro mensageiro passar”. As cinco bocas femininas repetem esses mesmos versos como se um mantra fosse entoado. De fato, as pessoas parecem acompanhar os versos como se fizessem uma prece, olhos fechados, mão levada ao peito. Me deixo abarcar pelas camadas de vozes que elas derramam no ar, flores perfumadas, suas mãos delicadas não parecem as mesmas que açoitam a pele dos instrumentos rústicos. A cada nova música a energia de suas vozes e mãos parece aumentar. Meu peito fica inundado de sons, a mulher do atabaque continua com os olhos pousados sobre mim. Eu sorrio de volta e ponho uma nota na capa de um instrumento aberta no chão junto a outras notas e moedas. Pego meu celular e gravo um vídeo de uma das músicas. Me demoro um pouco mais por ali, os atabaques ao fundo, risadas e resquícios de conversas dos que passam diante de mim. O sol se esconde por trás de uma nuvem, todos parecem apro-

veitar o momento de alívio, abarcados pela sombra esticada dos prédios sobre a avenida. Uma brisa leve percorre o meu corpo e levanta alguns papéis no chão. Recebo uma mensagem no celular. Laila pergunta o que estou fazendo de bom. Lhe envio o vídeo que gravei das mulheres cantoras. Ela me responde com uma fileira de corações. Marcamos um almoço para mais tarde em seu apartamento. Aos domingos ninguém almoça cedo. Prevejo lasanhas com a borda queimada, vinhos caros e cerveja barata. Prevejo os cliques indiscretos de Laila com sua câmera e as risadas chapadas de maconha de Simon, prevejo sambas, vídeos virais e resenhas azedas do último filme de algum diretor *cult*. Sim, eu já atravessei a carne desses domingos infalíveis. Depois do almoço, a solidão do fim de tarde é sempre servida com a sobremesa. É sempre prevista, porém nunca superada. Por mais que aprenda de cor todo o seu percurso, sempre me perco nesses corredores vazios. Não adianta abrir as janelas do apartamento, colocar uma música animada pra tocar ou ligar a TV em busca de algum resquício de voz humana que possa responder a esse silêncio. É sempre uma mudez o que gruda na pele e silencia tudo por dentro da gente, a fronte tocada pela ausência. Um cachorro sem coleira atravessa furtivamente o meu campo de visão, parece ser de uma raça estrangeira, seus pelos fartos e bem cuidados caem em mechas harmoniosas sobre o pescoço. Ele começa a

cheirar os pés imundos de um mendigo que dorme embaixo da vitrine de uma loja fechada, o mendigo sorri e tenta acariciá-lo, mas o dono ralha com o cachorro que volta humilhado com o rabo entre as pernas. Nossos olhares se cruzam e nos reconhecemos, é Gary. Ele me cumprimenta um pouco constrangido. O cachorro começa a me cheirar, acaricio sua cabeça que recende a shampoo enquanto Gary me faz perguntas banais. Depois de um questionário vazio de perguntas e respostas, ele me pergunta se eu continuo frequentando a sauna. Eu digo que não fui mais lá, ele responde que percebeu, um sorriso malicioso por baixo do bigode atravessa seu rosto vermelho de sol. Na certa, se nos encontrássemos por lá, eu conheceria o poder daqueles agachamentos que ele sempre faz intencionalmente na minha frente. Ele se despede com seu sotaque inglês e parte com seu cão importado. Dou uma volta completa por toda a extensão da avenida e seco outra garrafa de água. Os golpes violentos do sol começam a me provocar escurecimentos na vista. Descanso sob a sombra de uma marquise, o calor intenso não espanta o público ávido por espaços de lazer na megalópole abarrotada de concreto. O grupo das mulheres negras arranca aplausos e ovações, os atabaques ecoam pelo vale de prédios vazios espantando os pombos que alçam voo em grandes grupos. No céu, começa a se ensaiar uma mudança de cenário, logo a chuva virá e afogará o domingo em seu pró-

prio tédio. Deixo a sombra da marquise e caminho até a estação do metrô. Ao apanhá-lo sinto o ar condicionado refrescar a pele e enriçar a nuca. No lado oposto e junto à porta uma senhora de sobretudo desafia o calor das ruas. Ela embarcou na mesma estação que eu, apressando levemente os passos antes que a porta se fechasse. Seu rosto ossudo e pálido parece feito de cera, os olhos, levemente rasgados, são negros e profundos. Ela prende na armadilha de seu olhar pessoas e objetos, mas sei que ao final é a minha figura o alvo de sua objetiva infalível. Sinto um leve desconforto percorrer o meu corpo, cavalos negros galgam a minha coluna, suas ferraduras esfolando a pele por baixo da camiseta, uma gota de suor se entrincheira em minha sobrançelha, um leve balanço no trem quase me desequilibra, eu, que sempre viajei de pé sem precisar segurar nas barras, quase vou de encontro ao chão. Me seguro e sinto o peso de seus olhos negros escorregando do banco vazio para a moça com um livro aberto no colo e da moça com um livro aberto no colo para mim, mas logo fixa-se em um senhor que dorme no assento preferencial. Fico intrigado e quase passo direto pela estação onde vou descer. Desembarco sem olhar para trás. Na saída, algum pedinte me arranca moedas, hoje não tem camelô, a calçada está livre, procuro as chaves em frente ao prédio, às vezes me esqueço e ponho no bolso de trás. Finalmente meus dedos encontram o metal frio e cheio de

dentes da chave do portão, o porteiro não trabalha aos domingos, sinto um toque em minhas costas, os cavalos negros agitam suas crinas rentes à minha nuca e me arrepio todo, a figura pequena e de sobretudo negro fixa sem desvios seus olhos nos meus. Ela tira um papel amarfanhado do bolso, um envelope, distingo a letra, mas um silêncio de morte trava minhas cordas vocais, ela me entrega o envelope, o portão se abre por dentro e um dos vizinhos me cumprimenta e deixa o portão aberto para que eu passe, olho pra trás e a mulher já desapareceu, quem sabe dobrou a esquina, quem sabe dissolveu-se em poeira fina. Mal fecho a porta e desvio das caixas empilhadas já rasgo o envelope com a letra de Ravi num incisivo e enérgico: “para Ivan”. Dentro, junto a um bolo de dinheiro, há uma passagem de avião e um par de chaves com um endereço gravado no chaveiro.

parte 3

*Os amantes no espelho trêmulo
não pertencem a nenhum outro país
além deste: de água podre e sol naufragado.*

Daniel Francoy

15

Confesso que, quando observo a linha tênue que separa o oceano do céu cinzento, ou quando não há outro corpo além do meu, à deriva em uma cama de hotel, confesso ignorar a partir de qual de nós dois surgiu tal força criadora. Não sei se fui eu quem te criou, ou se foi você quem me deu a vida e me coloriu com palavras e gestos. Moram lembranças em mim e há outras que posso tocar: um livro lido pela metade, um par de óculos escuros aos pedaços, fotos de uma viagem juntos, todos esses objetos possuem seu próprio poder de evocação do passado, uma força que desconheço em sua completude emana da matéria de cada um deles, uma onda que me arrebatava e me deixava por dias inteiros a boiar a esmo, sem conseguir sair dessa espécie de torpor. Talvez eu tenha sido moldado para a deriva. Um nunca chegar, um nunca encontrar, um nunca ancorar. Rodeado por tubarões que chegam às cinco em ponto, mas quando é que o relógio atinge essa hora dentro dos meus dias? Já não sei, tudo o que sei é que a cada dia os dentes de um desses tubarões penetram a minha carne e levam um naco do meu corpo salgado e pesado de marésia. Quando foi que deixei de me importar com os pedaços arrancados de mim? Deve ter sido quando perce-

bi que meu corpo já não valia nada, não tinha serventia nenhuma se eu não sentisse o teu toque a me transmutar em ouro e glória. Algumas gôndolas ficam engarradas no canal estreito, os gondoleiros apoiam a perna nos batentes do casario para direcionar os barcos, casais de turistas brindam romanticamente o amor, em copos descartáveis. Sabe, Ravi, de onde eu venho as coisas não costumam ficar sem um fim, nada fica suspenso, mesmo que você diga, mas e a morte? Sim, a morte geralmente é esse fim, pois não precisa ser coerente o que se encerra... basta que acabe. E eu não sinto a morte respirando seu bafo gélido no vão entre nossas existências, eu não sinto a tristeza profunda daqueles prisioneiros que olhavam o mundo pela janela da Ponte dos Suspiros, pela última vez, antes de serem encarcerados. Eu não gosto de reticências, meu *boy*, acho que isso sempre esteve claro pra você. Como eu já disse e volto a enfatizar, confesso não saber quem criou quem nesse turbilhão de dias compartilhados. Caso você tenha me desenhado com o grafite da tua imaginação, só tenho a declarar que me sinto mero esboço. Sim, talvez esses incêndios sejam o farelo da borracha com a qual você tentou apagar o coração mal desenhado em meu peito. O fluxo do canal volta a seguir livre, o engarrafamento se desfaz e as gôndolas seguem na direção do Grande Canal. O casal francês me pede para tirar uma foto deles ao lado de uma barraca repleta de máscaras. Sorriem encantados, o si-

roco, qual um bicho selvagem a lhes despentear os cabelos. Outro casal desvia seu caminho ao perceber que sairá na foto involuntariamente. O homem loiro e alto, parece no auge do esplendor e da boa forma. Segura um bebê no colo, brinca e faz caretas para o recém-nascido. A mulher é jovem, mas a recente maternidade parece lhe ter sugado as cores do rosto e o vigor do corpo. Me pergunto o que pode ser mais válido, se a experiência que degenera ou a inocência que conserva até certo ponto uma espécie de beleza e juventude. Besteiras, e são tantas na minha cabeça quanto os pombos na Piazzza San Marco. E por falar nisso, foi lá que o coro de vozes que, vez ou outra, explodia pra fora do meu corpo e o piano a conta gotas finalmente encontraram um lugar para se misturar ao vento, acho que os deixei em um bom lugar. É tão difícil andar por ruelas de pedra ou atravessar canais quando se é esboço. Será que com você também é assim, Ravi? Caso eu tenha te criado no terreno infértil da minha imaginação, caso eu tenha errado a mão e lhe feito rascunho... Você sente vertigens, engole incêndios? Acho que não... Sabe, apesar da dificuldade do meu maltraçado ser, encontro serenidade em meio à turba turística deste lugar. Nada como estar onde o tempo parou arquitetonicamente, e onde todas as vozes do mundo se chocam nas esquinas. A impressão que se tem é de que não estamos em lugar nenhum. Uma penumbra de sonho envolve tudo, você sabe do

que estou falando... Caso contrário, essas chaves não estariam em minhas mãos neste momento. O gondoleiro charmoso com um bigode de cafetão me oferece um passeio. Digo em meu inglês pré-escolar que estou esperando o meu par. Ele sorri e oferece seus serviços ao casal francês, eles partem para dentro dos labirintos inundados deste útero medieval. Eu não sabia que as gôndolas eram utilizadas como embarcações fúnebres antes de virarem barcas de amantes. Admirável que meu ser em estado de esboço possa ser capaz de reter informações turísticas em grande quantidade, você não acha? Erick atravessa a Ponte de Rialto e me cumprimenta fervorosamente, seu sorriso de dentes imperfeitos tem algo de infantil. Encontrei ele e seu violão no centro circular de uma praça de pedra, não me lembro em qual das cidades por onde andei antes de chegar aqui. Dividimos o aluguel de uma água-furtada por duas semanas nessa mesma cidade cujo nome enterrei fundo num porão da memória. Ele é gaúcho e quer trazer a mulher e o filho ano que vem, vão viver sem destino, andando de cidade em cidade. Ele vivendo de sua música, ela vendendo algum tipo de artesanato que ele tentou me explicar, mas que eu não entendi direito. Aqui nos despediremos. Erick e eu lavamos pratos e servimos mesas por um bom tempo antes de chegarmos aqui, ele se tornou um grande amigo e algumas vezes me auxiliou financeiramente. Sinto muito, Ravi, mas não foi

possível utilizar a passagem que você me enviou, ou o bolo de dinheiro. Eles queimaram rapidamente, mal o fogo de um fósforo lhes tocou. Fiquei na janela a observar as cinzas voarem da palma da minha mão aberta e desaparecerem na noite. Preferi vir com os meus próprios meios, embora tenha demorado alguns meses. Já não sei ao certo se você vai estar me esperando nesse endereço, além das portas provavelmente antigas e pesadas que estas chaves abrirão. Laila me ajudou a tirar o passaporte. Nem preciso dizer que ela achou românticos os teus meandros para me enredar e não tentou me apresentar a mais nenhum de seus amigos para substituir a tua ausência. Meu rosto se perde em uma vitrine cheia de cristais em forma de animais, ao fundo e dentro da loja, dois artesãos demonstram a um público embasbacado como trabalham o material em uma temperatura insuportavelmente alta. Viro as costas na hora em que uma massa de aplausos irrompe dentro da loja. Não falta muito para que eu cruze com a placa de rua que tem o mesmo nome que está gravado no chaveiro em meu bolso. Foi a única coisa que sobreviveu daquele envelope entregue por aquela senhora de olhos astutos. Sim, foi a única coisa que sobreviveu ao fogo. Sei que se fosse esse o problema, o de sobreviver ao fogo, eu poderia ter entregue aos artesãos essas chaves para que eles as transformassem em algum enfeite de cabeceira. Quem sabe aquele cinzeiro que Gabs partiu

na minha cabeça. Mas sei que não se trata disso, o mérito maior dessas chaves foi ter sobrevivido aos meus incêndios internos, esses que consomem tudo ao redor e que duram dias, semanas, meses... O casario toma os dois lados da ruela. O sol intenso sobre as fachadas vivifica as cores das flores nas jardineiras dispostas nas janelas. O prédio de persianas verdes tem o número que procuro, barulho de chaves, meus dedos suados agarram o molho no fundo do bolso. Subo os três degraus na entrada e encaixo a primeira chave na porta. Tentativa falha, tento a segunda, sinto o barulho do trinco liberto. Na certa a primeira chave é a da porta do teu quarto. Penetro num hall escuro, subo escadas antigas e acarpetadas. Um cheiro que lembra o das igrejas antigas que visitei hoje. Atrás de alguma das portas do longo corredor que se descortina diante dos meus olhos, alguém toca um instrumento, acho que um bandolim. Testo a chave restante em duas portas, não funciona, temo encontrar alguém no corredor. A terceira tentativa ecoa por todo o lugar, a porta se abre. Tua porta se abre, range, reclama a invasão de mais um estrangeiro extraviado, de mais um cão vadio feito de febres. Uma pequena sala é ofuscada pelo sol violento que invade a janela aberta. Lá fora, alguém conversa alto em italiano. Duas poltronas vermelhas de costas para mim, um tapete liso de figuras e motivos, uma mesa de centro com vaso de flores e uma escrivaninha. Posso ver pela porta entrea-

berta do quarto uma nesga da cama desfeita. Não há sinal de haver mais alguém aqui, nesse instante. Não sinto a tua energia, Ravi, apenas um silêncio incômodo. Sim, percebo o porquê de tal sensação. É teu violino a me observar pousado sobre a cadeira da escrivaninha. Nossa mudez se choca, mas é a dele que desfia essa aura de terror no ar. Me aproximo e toco o corpo amadeirado, o arco depositado sobre a mesa, partituras espalhadas pelo vento. Ao lado, um livro. Tiro da minha mochila teu livro lido pela metade. As duas capas idênticas são colocadas lado a lado no tampo da escrivaninha. *Morte em Veneza*. Abro o teu exemplar, marcado na mesma página por outra fotografia antiga, rasgada ao meio. Uma mulher jovem de pé, um braço passa por sua cintura, um braço de alguém que está sentado, mas que foi separado pelo rasgão amarelado. Retiro do meu livro a outra metade da foto, a que marca a mesma metade onde você parou a leitura antes de desaparecer dos meus dias. Junto os dois pedaços. O violonista louro sentado na cadeira finalmente volta a enlaçar a jovem pela cintura. Deixo os dois pedaços no tampo da mesa. Sinto sede. A tarde cavalga rubra pelas ruas dessa cidade. Leio com os lábios, sem emitir som, o título do livro. *Morte em Veneza*. Sim, Ravi, eu sou a peste que tomou essas ruelas, não conte aos turistas... Agora entendo a morte simbólica inscrita na capa desse livro. Sim, você terminou o assunto entre nós, sem as reticências que eu

achava que tinha deixado para trás ao me abandonar, mas só terminou o assunto lá no Brasil. Morremos em nossa terra natal para renascermos em solo estrangeiro, dois exilados que encontram o verdadeiro lar no coração um do outro. Por sobre os meus ombros sinto o girar de uma chave, uma porta pesada que range e reclama o trabalho duplo do dia de hoje. São três da tarde? Não sei, minha boca está seca, quem sabe o toque de outra boca saciasse essa sede. Olho a tarde ensolarada e tenho vontade de ficar olhando para sempre, enquanto passos firmes caminham para dentro da sala, para dentro da tarde, para dentro de mim, esmagando com a sola do pé a última brasa dos incêndios em meu peito.



vencedor
na categoria
ROMANCE

